

09

*... livros de ...  
...*

RIHGS  
10  
Vol. VI

REVISTA TRIMENSAL  
DO  
Instituto Historico e Geographico de

Fundado em 1912, reco-  
nhecido de utilidade publica pela Lei  
n. 694 de 9 de Novembro de 1915 e conside-  
rado de utilidade continental pela Resolucao n. 5  
do Congresso Americano de Bibliographia  
e Historia de Buenos Ayres.



Anno VI-X-Vol. VI Fasciculo I, II.

REDACTORES

*Dr. Joaquim do Prado Sampaio, Advogado Clodimir Silva, Dr. Claudio Canas, Professor Abdias Bezerra e Nicanor Ribeiro Nunes.*



ARACAJU

Typ. d' A Cruzada  
1925

# REVISTA TRIMENSAL

DO

## Instituto Historico e Geographico de Sergipe



Fundado em 1912, reconhecido de utilidade publica pela Lei n. 694 de 9 de Novembro de 1915 e considerado de utilidade continental pela Resoluçao n. 58 do Congresso Americano de Bibliographia e Historia de Buenos-Ayres.



Anno VI-X-Vol. VI Fasciculo I, II.

### REDACTORES

*Dr. Joaquim do Prado Sampaio, Advogado Clodomir Silva, Dr. Claudio Ganns, Professor Abdias Bezerra e Nicanor Ribeiro Nunes.*



ARACAJU

Typ. d'«A Cruzada»

1925



DIRECTORIA ACTUAL  
DO  
INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO  
DE  
SERGIPE  
ANNO SOCIAL DE 1924 A 1925

Presidente honorario— Dr. Mauricio Graccho Cardoso  
Presidente effectivo— Almirante Amyntas J. Jorge  
1º Vice-presidente— Dr. Cyro Cordeiro de Farias  
2º » » Desembargador Evangelino de  
Faro.  
Secretario geral— Dr. Elias Montalvão  
1º Secretario— Dr. Nyceu Dantas  
2º Secretario— Dr. José de Magalhães Carneiro  
Orador— Dr. Hunald Santaflor Cardoso  
Thesoureiro— Dr. Affonso Ferreira dos Santos

COMMISSÕES

FAZENDA E ORÇAMENTO—Coroneis—José da Sil-  
va Ribeiro, Ceciliano Andrade e Guilhermino  
Rezende.  
HISTORIA—Dr. Joaquim do Prado Sampaio, Professor  
Arthur Fortes e Advogado Clodomir Silva.

GEOGRAPHIA — Dr. Alcibiades Paes, Dr. Costa Filho  
e Professor José de Alencar Cardoso

REVISTA — Dr. Joaquim do Prado Sampaio, Advogado  
Clodomir Silva, Professor Abdias Bezerra, Dr.  
Claudio Ganns, Nicanor Ribeiro Nunes.

ADMISSÃO DE SOCIOS — Desembargador Liberio  
Monteiro.

Desembargador João Maynard.

Dr. Carlos Alberto Rolla.

MANUSCRITO E AUTOGRAPHOS — Ephiphanio  
Doria.

Dr. Monteiro de Almeida.

Dr. Nobre de Lacerda.



*Ubique patriæ memor*



REVISTA TRIMENSAL

— DO —

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO

— DE —

SERGIPE





## ADVERTENCIA PREVIA

---

O ultimo numero desta Revista veiu a lume em dias do mez de outubro de 1920. Formou elle o V volume da publicação que o Instituto Historico e Geographico de Sergipe levou a effeito, mais ou menos regularmente, durante cinco annos. Fundado em 1912, reconhecido como de utilidade publica estadual em 1915, de utilidade continental, pelo Congresso Americano de Bibliographia e Historia de Buenos-Ayres, em 1916, e de utilidade publica federal em 1920, que motivo ou motivos levaram-n'o a suspender, durante o tempo decorrido—de 1920 a data de hoje, a publicação da sua Revista?

Vive, como ha vivido, da pequena subvenção que lhe dispensa o Governo do Estado, pouco lhe valendo o favor publico.

Este quasi só lhe tem brilhado pela ausencia. E' de ver quão pequena tem sido a comparencia publica às suas sessões, realizadas em homenagem a datas nacionaes ou do Estado. E já Mirabeau dizia não comprehender orador sem publico. E não será verdade que esse estado de cousas, essa falta de estimulo haja concorrido grandemente para o natural afrouxamento das pequenas energias que deram nascimento ao Instituto no meio em que vivemos, um tanto refractario ao espirito de associação?

Taes os motivos precipuos por que se não tem desobrigado o Instituto da alta funcção a que se

destina: coordenar e disciplinar forças sociaes pelo progresso de Sergipe, como parcella da Federação Brasileira.

\*\*\*  
 Emtanto é preciso estudar e ver a historia como ella é: o homem surgindo de forças que lhe deram origem, os povos organizando-se consoante as condições de meio e de raça, unificados por tradições communs, impellidos pelo mesmo ideal, remodelando a face do Planeta de accordo com suas energias nativas, no aproveitamento das forças da natureza a serviço da civilisação.

Theoricamente nos será dado abstrahir e estudar em separado o solo e o povo que nelle fez o seu *habitat*, mas não temos deste modo feito geographia nem historia, porque, no entender de Frederico Ratzel, a terra e a vida constituem um problema uno, e, como bem se expressa R. von Ihering, a geographia é a historia traçada de antemão e a historia é a geographia em acção.

Mas se é da communhão da terra e do homem, da combinação do territorio e da população, que surge a sociedade, não basta esta interpretação global, diz valente pensador, resta determinar o traço característico da phenomenalidade social, considerada esta como producto da fusão de todos os elementos: phisicos, organicos e psychicos.

Não sabemos affirmar se o Instituto Historico e Geographico de Sergipe conseguirá realizar obra tão assignalada.

Mas o que devemos affirmar é que a actual directoria pretende dar nova vida a esta associação, que não tem o direito de morrer. Porque ella é o repositório das nossas tradições e as tradições são na vida dos povos os primeiros termos de uma equação de cuja incognita depende a solução do futuro.

Que a publicação desta Revista, que hora sae a lume, sirva de prova dos nossos esforços, e dê a medida do nosso amor á nossa gente e á nossa terra em pró da justiça e da glorificação a que temos incontestavel direito no seio da Federação Nacional.

Julho de 1925.



## Que é a historia ?



Aqui está uma questão que não deve ser desdenhada, como insignificante; antes, pela sua mesma importancia, merece todo o cuidado de qualquer espirito, desde o mais obscuro ao mais esclarecido.

Não se faz litteratura, sem historia. A sciencia carece da historia como a politica. Illumina-se a religião, sob os ensinamentos da historia. A palavra da historia é sollicitada pela arte. Tudo precisa da historia—*magisterio vital*, no dizer de Cicero.

Aliás, não se trata nenhum novo problema, com o indagar em que consiste a historia.

Pela etymologia, é vaga a significação da historia; toda a informação, toda pesquisa tomaria a forma da obra do historiador.

Mas, ha de ser a historia a narração dos acontecimentos ?

Ou não vae alem do «*récit des choses dignes de mémoire*» ?

Nem uma, nem outra coisa. Ali ficaria sem limites a esphera da historia. Aqui, pela falta de medida rigorosa no diametro dessa esphera, poderiam alargar-se ou estreitar-se, sem nenhum criterio scientifico, os horisontes do historiador. Como narração dos acontecimentos e de todos os acontecimentos, seria impossivel. Como «*récit des choses dignes de mémoire*», poderia ser deficiente,

imperfeita, incompleta, não havendo um mesmo estalão para julgar-se «des choses dignes de mémoire». Bourdeau, no livro *L' Histoire et les Historiens*, escreveu: «Les peuples e l'Europe ne glorifient pas les mêmes grandes hommes que ceux de l'extreme Asie, et ce que las générations de l'age préhistorique ont pu juger digne d'éternelle mémoire est, de nos jours, parfaitement oublié».

A verdade é que a historia se faz à custa das inclinações da alma dos homens. Um bom sentimento inspira conceito igualmente bom. Pergunta Antonio Vieira, na sua *Historia do Futuro* «que historiadador ha de tão limpo coração, e tão inteiro amador da verdade, que o não incline só o respeito, a lisonja, a vingança, o odio, o amor, ou da sua, ou da alheia nação, ou do seu estranho principe?».

Entretanto, se é a mestra da vida, como ha de ser a historia a expressão daquellas inclinação? Porque deve sobrepôr-se a semelhantes inclinações. Tem que ser justa. E' a imparcialidade o traço característico do verdadeiro historiador.

De qualquer modo, se—como o declarei em linhas anteriores—tudo precisa da historia; esta se vai enriquecendo com a geologia, com a archeologia, com a philologia, com a anthropologia, com a propria clinica, cujos direitos se encontram no immenso quadro da vida social.

E' que na realidade tudo precisa a historia; mas a historia tambem de tudo precisa. O historiador, segundo Freman, não pode ignorar a philosophia, o direito, a economia politica, a ethnographia, a geographia, a anthropologia e as sciencias naturaes.

Mas, enfim, que é a historia? Psychologia social, revelando a alma dos individuos e dos povos?... Simple physiologia da collectividade, em que se não desprezam os phenomenos economicos e todos os actos da vida humana?

Não é possível que seja apenas psychologia social, nem tão só simple physiologia da collectividade, porque existe da mesma sorte uma anatomia

do organismo colectivo, a qual se logra mediante o estudo dos factos, os acontecimentos exteriores visiveis, de que fala Guisot. No entanto, é essa anatomia, é essa physio'logia, é essa psychologia.

Mas está longe de ser uma collecção de biographias, ainda que assim tivessem pensado Carlylle e Emerson.

Effectivamente, por essas biographias—se acaso ahi se deparam os pontos mais altos da região que se estuda—como que se faz a triangulação dessa região. Mas importa o exame do ambiente physico e do ambiente moral, sob todos os aspectos, no que toca á influencia do governo e do povo na composição da nacionalidade que se tem deante dos olhos. A acção isolada do povo e do governo, é factor de estonteadora illusão.

E dahi a difficuldade da historia.

Porque não basta, nem a administração, nem a politica. A historia de um povo tem que abranger os elementos todas da formação desse povo.

Ora, ahi está como a historia—biographia, ou como a historia—batalha. não é a verdadeira historia, cujo espirito consiste na continuidade que liga o futuro ao passado. E' simplesmente um dos factores, uma das parcelas, e não o producto, e não a somma.

Disse um dia Napoleão : «Qu'est-ce que l'histoire, sinon une fable acceptée».

Mas, ha exagero na phrase de Napoleão.

Melhor que o genial guerreiro, affirmou Fontenelle : «L'histoire est une fable convenue. Il ne convient qu'un philosophe d'étudier l'histoire, c'est une source d'erreurs pourtant autre homme». A verdade comtudo, é que *fable acceptée* e *fable convenue*, tudo é fabula, o que não vale *testis temporum, sine veritatis, vita memoriae, magistra vitae, nuntia veritatis*.

A historia, o conceito preferiu-o Fustel de Coulanges, «est le grand murée, le grand laboratoire de la sociologie». Mas esse conceito não é, exactamente, o conceito da historia; esta significa

mais do que *grand laboratoire*, mais do *grand musée de la sociologie*: constitue a affirmação inequívoca de perfeita continuidade em todos os domínios do pensamento e da acção. Porque, afinal de contas, tudo é historia. A mesma geographia e a historia propriamente dita, constituem, a primeira, a historia da terra, e, a segunda, a historia da humanidade.

Registrar factos, ainda que todos os factos, não é tudo. A chronica não é historia. Esta se elabora com o estudo desses factos, ainda com a relação que se deve levar a cabo no meio delles, bem como por intermeção das relações de semelhança ou de successão entre esses mesmos factos. Porque nada é arbitrario. Ha leis naturacs no mundo da historia.

vez, um capitulo da historia da humanidade.

MOREIRA GUMARÃES.

Rua Victor Meirelles, Riachuelo, Rio de Janeiro.



Em additamento ao bello trabalho—"Que é a historia?"; firmado pelo nome illustre do general Moreira Guimarães, para aqui trasladamos a carta que o acompanhou, dirigida ao dignissimo presidente do Instituto, o sr. Almirante Aymnhas Jorge.

A missiva, que nos parece altamente honrosa para ambos, documenta o patriotismo que os enaltece e o amor que votam á terra dadivosa e bóa que lhes serviu de berço.

Ei-la :

"Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro. Rio, 11 de Maio de 1925 —Caro amigo Aymnhas Jorge : —Recebi, an ehontem, o seu cartão, sem data, no qual me pede o querido patricio um artigo para a Revista do Instituto Historico e Geographico de Sergipe.

Pois, aqui está o artigo, concluido, ha dez minutos. Trato eu questão, que não é nova, mas que é sempre de todo o interesse. Verá, pela epigraphie, e pelos dizeres do trabalho, especialmente escripto para o nosso digno presidente, que me honrou, solicitando-me a collaboração de minha vontade.

Leia o artigo, que fiz pequeno, para não roubar espaço aos collegas dahi, aos quaes envio meus cumprimentos.

Falemos, agora, do alto posto em que o elevaram os nossos confrades.

Estou que fizeram bem todos elles. E se eu lá estivesse, não daria o meu voto senão ao cerebro equilibrado, ao coração de patriota, ao illustre sergipano, que é o meu bom amigo. A Cesar o que é de Cesar, a Deus o que é de Deus... Para que proceder de outro modo?

Effectivamente, eu havia notado a «situação de decadencia do nosso Instituto». Mas, agora, tem almirante no leme, e almirante de verdade. De maneira que Sergipe ha de ver o seu Instituto á altura que lhe cabe. E bem o merecem Sergipe e o Instituto.

A distancia material que me separa do aben-

çoado torrão, creio que não é motivo para que não viva eu, pelo cérebro, aqui em Sergipe. Aliás, venho provando isso que artigos meus na imprensa de Aracajú. De qualquer modo, conte comigo, ainda que esteja eu, no momento, sobrecarregado de deveres ora com livros a que metto hambros, ora que as sociedades daqui do Rio, sociedades a que pertença.

E basta, meu bondoso amigo.

Com os meus cumprimentos, meus e de minha família, a todos os seus—, aqui fica o sempre admirador e amigo velho, muito grato

MOREIRA GUIMARÃES.

Rua Victor Meirelles 40, Riachuelo.

Rio, aos 11-5 1925.'9





## Batalha de Tuiuti

A proposito do famoso feito de armas—a batalha de Tuiuti, honra se a «Revista do Instituto Historico e Geographico de Sergipe», em publicar, de primeira mão a carta a seguir a qual o sr. general Vicente Lopes de Medeiros Chaves dirigiu do Rio de Janeiro, onde se achava, a seu velho e particular admitador, o professor Quintino Marques.

O general Medeiros Chaves dá-nos do occorrido o seu depoimento *de visu*, como participe do memoravel acontecimento que cobriu de glorias o exercito brasileiro.

E, sergipano de reaes meritos pelo seu patriotismo e bravura, bem merece a homenagem que ora lhe presta o Instituto, dando a lume, na integra, a referida carta, como documento de alto valor historico.

«Rio de Janeiro, 8 de Junho de 1924.

Estimado amigo professor Quintino Marques:

Affectuosos cumprimentos.

Sou muito sensivel á sua generosa lembrança de enviar á nossa casa uma luzida commissão de distinctas Senhoritas—suas alumnas—com o fim especial de saudar-me pela festiva data de 24 de Maio,

dia em que o nosso Brasil encheu-se de glórias, pelos louros colhidos no ardoroso e sincero patriotismo de seus filhos que, nos momentos difíceis daquela guerra ingrata contra a tyrannia de Solano Lopez, só visavam o engrandecimento de sua Patria estremecida—O Brasil. Eu tive a ventura de fazer parte da vanguarda do general Flores, servindo na brigada Pecegueiro. A historia recórda os bellos feitos dessa memoravel batalha, travada das 11 horas para o meio-dia, até 4 1/2 da tarde. Lopez, antecipando se a um pretendido ataque nosso, contra as suas posições, apresenta se de chofre em fortes columnas arremessando o grosso da sua força sobre o centro da nossa, accelerando o seu movimento com impetuosidade preconcebida, porque sabia que nos costumavamos distribuir as raições ao meio dia. Encontrava nos quasi em surprêza e além de nos atacar com 24.000 homens, na offensiva, dispondo ainda de 34.000, na defensiva, quando nós possuíamos 25.000, não conseguiu o seu intento, porque o fogo tornou-se geral, sendo baltados os seus esforços, com o fim de destroçar-nos! As cargas de Sampaio e Argollo, a artilharia de Mallet e os nossos bravos soldados repellem heroicamente os paraguayos, destruindo os seus golpes formidaveis com um fogo terrivel, cujas metralhas levam a desordem ás columnas inimigas! Ozorio, sem tempo para calçar as bótas, apparece nos logares das mais renhidas pelejas! Flores, Argollo, Sampaio, Victorino, Paunero e outros valentes chefes portam-se dignamente em seus commandos! Os paraguayos deixam em nosso campo mais de 6.000 cadaveres e mais de 7.000 feridos levam em sua fuga. Perderam 4 canhões, 3 bandeiras, 4 estandartes e 350 prisioneiros. Nosso prejuizo consistio em um general, um tenente coronel, 60 officiaes e 657 soldados mortos; feridos 2.113 soldados, 117 officiaes e 2 generaes. Foi a maior batalha da America do Sul! Felizmente, dessa vez não fui attingido com ferimentos, para ser muito depois, durante tres vezes.

Hoje, apesar dos meus 81 annos quasi completos, ainda lembro-me com saudades daquelles bellos tempos em que o patriotismo era cultivado com esmero e carinha. Ensine, caro professor, e continue a guiar a mocidade da nossa terra, despertando nella os sãos principios de amor patriótico ás nobres causas e conquistas do nosso Brasil, pois ella futuramente será o escriptorio sagrado das nossas tradições, dos nossos heroismos e das nossas gratidões ás benemerencias daquelles homens, como o actual que nos preside, que sauberam e souberem trabalhar pelo engrandecimento dos homens e das coisas relativas ao nosso torrão natal. Beijo, agradecido, as minhas mãos daquellas jovens que foram até nossa casa, cujos nomes declino: D. D. Elisabeth Campos, Aurora Campos, Amalia Soares, Berenice Antunes, Carmelia Dias, Giovana Oliveira, Maria Vivina Matos, Nalva Costa, Nair Telles, Perula Bonomó e Walkyria Oliveira.

Rogando-lhe o obsequio de mostrar-lhes a presente, que constitue o meu reconhecimento á delicadeza dellas, mando-lhe, de envolta com os meus cordiaes agradecimentos, affectuoso abraço.

Seu velho amo, admior. otro, e cto. — *Vicente Lopes de Medeiros Chaves*, General honorario do Exército.





# INSTITUTO HISTORICO



## Recepção do socio correspondente sr. dr. Augusto Cesar Lopes Gonçalves - A descoberta do Brasil

A 3 de Maio do anno corrente, o Instituto Historico e Geographico de Sergipe, em commemorando a data festejada como do descobrimento do Brasil, realizou imponente sessão, que tomou caracter de grande brillantismo, por isso que se destinava, tambem, á recepção do distincto historiador e constitucionalista, então visitando nosso Estado, o exm. sr. senador Augusto Cesar Lopes Gonçalves.

O socio recipiendario foi acompanhado até o recinto do Instituto pelos membros da casa, srs. dr. Claudio Ganns e Epiphanio Doria e recebido pela directoria.

Comparecendo o exm. sr. dr. Graeco Cardoso, presidente de honra do Instituto e Presidente do Estado, o dr. Humald Cardoso, intendente da capital, o tenente Luiz Padilha, representando o sr. general Marçal de Faria, executor do estado de sitio, foi pelo presidente effectivo Sr. Almirante Aymnhas Jorge, aberta a sessão, sendo por elle proferidas estas palavras:

*«Exmas. senhoras e meus senhores :*

Abrem-se hoje as portas deste Instituto, em sessão magna de recepção, ao alto espirito de s. ex. o

senhor dr. Augusto Cesar Lopes Gonçalves, nosso digno embaixador na Camara Alta, e a quem entregamos, cheios de fé e confiança, a defesa de nossos direitos territoriaes.

Da proclamada cultura juridica de s. ex., de seu reconhecido renome de geographo e historiador, dos louros, enfim já colhidos e que aureolam seu vasto cabedal scientifico, muito espera esta terra, que ora se engalana por sua honrosa visita, para a homenagem a que faz incontestavel jus.

O Instituto Historico e Geographico de Sergipe, colmeia de nossos melhores espiritos intellectuaes, casa onde são carinhosamente cuidados os altos problemas desta pequena giba bem amada, não podia quèdar-se silencioso ante a merecida recepção a s. ex. offerta pelo Governo do Estado e pela culta sociedade de nossa capital.

Devia, ao contrario, como o faz agora, prestar-lhe tambem o testemunho do muito que lhe merece quem, como s. ex., vive em destante na seara do saber e tanto se preoccupa com os magnos problemas nacionaes, como insigne constitucionalista que o é. Elle quiz experimentar a subida honra, que no momento se verifica, de o ter, em seu convivio para significar-lhe pela voz do illustre confrade que em seu nome saudará a s. ex., o alto apreço em que o tem e o desvanecimento com que recebe sua captivante visita.

S. ex., bem merece, carinhosa homenagem de respeito com que aqui o acothemos e saberá ver, por certo, na singeleza de minhas palavras, o sentir de todos os membros desta casa, aos quaes se unem os da selecta assistencia que tambem o applaude e admira, convencida como nós os do Instituto, que s. ex. saberá defender e secundar brilhantemente os incontestes direitos já proclamados em defesa de nosso sagrado territorio por tantos espiritos devotados á mesma causa, dentre os quaes fulgura, em radiante culminancia, o do saudoso e jamais esquecivel Sergipano, que foi o General Ivo do Prado Montes Pires da Franca.

O Instituto, exmo. sr. dr. Lopes Gonçalves, pede-vos a insigne honra para elle de acceptardes, como a

maior homenagem de acatamento a vossa nobre pessoa, o diploma de seu Socio Honorario conferido por unanime indicação de seus associados.

Sede, pois, bemvindo ao nosso seio amigo e conosco trocæ as luzes de vossa cultura e a prudencia de vossos sabros conselhos.»

Terminada esta explicação, conferiu o sr. almirante Amyntas Jorge o diploma de socio correspondente ao sr. dr. Lopes Gonçalves, o qual proferiu o juramento regulamentar.

Em continuação, obteve a palavra o socio Clodomir de Sousa e Silva, que pronunciou este discurso de saudação ao novo socio que se integrava no convivio do Instituto :

*«Exm. Sr. Presidente do Estado :*

*Auditorio illustre :*

*Sr. Dr. Lopes Gonçalves :*

Em nenhuma oportunidade outra se sentiu ainda esta casa mais ufanada do que o quanto hoje, agora, se sente com a vossa presença.

Portador de um nome que é uma poderosa senha para a entrada facil nos arraaes limitados aos cultivadores da Historia, éreis dantes um amigo do Instituto que se esperava. Neste momento sois o iniciado a quem alvoroçadamente se franqueiam as portas da tenda fraterna, onde os mourejadores da mesma faina correm, num anseio que não tem descontinuidades, á busca do filão magnifico da verdade dos tempos.

Sob este tecto, no convivio de nossos habitos, não sois extranho: antes trazeis comvoseo a palavra que nos manda abrir os braços para a recepção amiga. Sois aquelle a cujos hombros se arrima a defesa dos direitos de Sergipe.

Quando titulos outros vos não exalçassem os meritos, explicando por fórma que se não esmaece o porque de vossas famas, bastar-nos-ia a nós a certeza convicta de que não acceltarieis a missão ardua e brilhante si não dispuzesseis dos elementos de saber que

são capital imprescindível para uma especulação de tal monta e por tantos seculos exercitada.

Attentae, porém, sr., numa consideração que ora vos é feita. Não transpuzestes os porticos azues da morada esplendente de um rico. Aquí, nesta casa que é a expressão mais veneravel de nosso patriotismo, ou, me hor, do nosso regionalismo, somos pobres. Ainda, num estorço de muitas horas, catamos bisonhamente, com os alviões toscos de nosso manejo, as grupiaras esquivas donde extrahimos o cascalho bruto de que, pelo t lento dos que nos continuarem a obra, se terá, um dia, o brilhante lapidado, a joia valloza duma historia comprovada e veridica, em que os factos se diaphanizem na sua singeleza dignificadora ou reprovavel.

E' que ainda hoje nos debatemos no dedalo tortuoso de mil e mil incertezas, pela falta grave dos nossos maiores, que não amavam os registos chronologicos, e que, de 30 em 30 annos, incineravam em sacrilegas fogueiras, não para que pelos seus dias comesçassem as edades, os documentos dos cartorios, pontos de escala de todos os feitos da vida da Capitania, repositorio dos padrões de gloria e de soffrimento de seus antepassados.

Operarios duma construcção ainda pouco comprehendida nos seus delineamentos geraes, temos que lutar em pequeno numero contra o pior dos embates que é aquelle que se move contra os que não se querem embater...

Penetraes, sr. doutor, o claustro beatifico onde se não ouvem lithanias nem rumores de prece, mas onde falam com uma eloquencia indizivel gerações de homens de valor, cujas vidas nos estimulam e encorajam.

No silencio imponente de nossas galerias, o que tivesse ouvidos de ouvir emocionar se-ia, ao fragor das batalhas onde vibrou a coragem imperterrita de Camerino, e em que, de instante a instante, as vozes varonis de Freitas e de Aurelio Garcindo commandavam para a morte honrosa em defesa da Patria Brasileira.

Esse que pudesse entender o mysterio do silencio, surprehenderia o segredo de Horacio Hora debuxando na tela os esplendores mimosos da Natureza e cantando,

com os contornos sublimes, a belleza da criação; descobriria o perfume capitoso dos versos de Pedro de Calazans, symbolizando em Ophensia a graça e a delicadeza femininas; deliciar-se-ia com philosophia incomplexa de Sylvio Romero, e, por fim, depois do amavio da bondade excelsa de Ivo do Prado, assomaria, em surtos, a escalada da revolta do pensamento, ao influxo da força do mulato formidando que assombrou, pelo talento e pelo destemor, em dynamitando o edificio da verdade do tempo com o explosivo de sua logica incomparavel--Tobias Barretto, a teição mas viva da raça sergipana.

Neste templo, professo do mesmo credo, é que penetraes, senhor. Não sois extranho, já voi o disse. Aqui a historia tem o seu tugurio, e vós, maes a historia; a tradição nos illumina, como vos aclará tambem.

Sêde bem vindo a este lar augusto do Passado, onde o Porvir virá abebetar-se de sua ansia de saber.

Ficæ, neste instante honroso da nossa vida, no circulo dos que vos estimam, como ficareis, depois, no computo de nosso agradecimento e no registo dos batalhadores da mesma causa e do mesmo ideal.

Sr. dr. Augusto Cesar Lopes Gonçalves, o Instituto Historico e Geographico de Sergipe regosija se com a vossa admissão como seu socio e vos saudæ.

Ainda com os applausos da assistencia o sr. dr. Lopes Gonçalves fez a leitura de seu discurso de agradecimento, em o qual explanou com proficiencia o assumpto debatido da questão de limites.

A oração de s. ex. foi a seguinte:

*Sr. Presidente do Estado,  
Consocios,  
Minhas senhoras,  
Meus senhores*

Estou que, para completa educação de um povo, intelligente e laborioso, mesmo dentro na propria Patria, luctando com autonomia e pela ordem, se lhe faz mister, através dos tempos conhecer a sua origem e formação, a extensão e estructura de seu territorio, as linhas que circumscrevem, defrontando com os fogos dos visi-

nhos, capacidade e produção do solo, as aguas que o regam, as montanhas que o emolduram, as planícies, valles e savanas que lhe dão vida, as linhas que o adornam, servindo de oasis encantadores, as florestas, prados e campinas, que o enriquecem com os scenarios mais resplandecentes da vegetação, sadia e opulenta, portadora dos mais preciosos fructos da natureza.

Faz-se-lhe necessario, tambem, estudar e conhecer a fauna e mineralogia, o que se acha acima e abaixo de sua habitação, da casa e do lar, nos elementos da atmosphera, na influencia dos astros e nas correntes do espaço infinito, nos segredos do subterraneo e no mysterio das camadas geologicas, em constante calor de elaboração e transformismo. Faz-se-lhe preciso, em summa, perceber e analysar as particularidades do ambiente cosmico e social, os principios geraes da evolução — *movimento e desenvolvimento* — todas as leis phisicas e moraes, cujo expoente se consubstancia no imperio das energias ethnicas e materiaes, no dominio do direito e na sabedoria da justiça.

Quem, do reinado lusitano de João III, filho de Manoel, o venturoso, quizer tomar ponto de partida para a nossa colonização, ha de ver que, na vastidão das terras de Santa Cruz, a Francisco Pereira Coutinho, conforme carta regia de 5 de Abril de de 1534, coube, em doação, a facha litoranea cerca de 50 leguas, que vem do delta de S. Francisco ás ribanceiras septentrionaes da Bahia de Todos os Santos, abrangendo, no sentido de toda a costa maritima, os desconhecidos sertões do occidente, povoados do autoctone, representado por diversas familias indigenas, cuja historia, por falta de caracteres escriptos, não vae além das lendas feticistas e da mais grosseira idolatria. Esse regimen feudal da dynastia portugueza em paiz de população selvagem e disseminada, que vivia da caça, da pesca e da mais rudimentar lavoura, distanciada, por centenas de leguas, dos centros européos e da metropole, dominada pela superstição e ferocidade, tendo costumes differentes dos conquistadores, desprovida de industria, sem commercio monetario, privada de vias de communicacão e do aproveitamento das riquezas, entes-

tada pelo mar tenebroso e dilatando a sua superfície, os seus continas, por outro lado, pelas perigosas selvas, quasi impenetraveis - esse regimen feudal retardou, sem contestação, o progresso das capitánias, o advento rapido da civilisação, que o velho mundo, de então, podia efferecer e espalhar, na esphera das leis espirituaes e temporaes, das doutrinas romanas e do christianismo, nessa epoca, nas nações occidentaes. Além disto, Portugal, apesar do seu fastigio em começo do VXi seculo e das grandes navegações, já iniciadas nos três ultimos lustros do anterior, não podia, embora valoroso e forte, heroico e destimido, arear, vantajosamente, com as difficuldades da colonização no oriente e no Brasil, no littoral africano e nas ilhas que vinha descobrindo.

A bandeira das quinas, entretecida com a epopéa de Aljubarrota e que se ostentava, garbosa e sem rival, a caminho dos mares, no mastro das náos, saudando a escola do principe Henrique, no rochedo de Sagres, não podia cobrir, desde logo, com a legenda da Cruz, todas essas longinquas, multiformes e poderosas descobertas, levando, com efficiencia, o nome de Deus e de El-Rei, os codigos profanos e as taboas divinas á magestade virgem do *hinterland*, repetindo, facilmente, as aspirações da Córte e do Vaticano, evangelizando e baptizando, em nome da Igreja Catholica, cathechizando e formando a nacionalidade, a beneficio do descobridor, purificando as almas, enaltecendo os sentimentos de egualdade e amor, caridade e respeito, destruindo afinal, as seculares raizes da selvageria e da animalidade, instinctiva e inconsciente, brutal e sanguinaria.

Nesta porção territorial, que não pode ser colonizada pelo donatario e seus successores, revertendo á Coroa em 1548, estava comprehendida a região dominada pelos tupinambás e tabajaras, dirigidos por cinco Tachauas ou *Morabiabas*, e obhecidos pelos nomes de Serigy ou Cerigype; o principal, mais notavel, Siriry, irmão deste Moribeca, Japaratuba e Pacatuba, estendendo-se essa região da barra S. Francisco á foz do rio Itapicurú, onde se assentou a povoação de Sergipe

do Conde, que determinou, para differenciação, a denominação de Sergipe de El Rei a capitania que no reinado de Philippe 2.<sup>o</sup> fora creada ao norte deste ultimo rio até a margem meridional do dito S. Francisco, incluindo, tambem, na Comarca septentrional, comprehendida na antiga doação acvalido do Rei Piedoso e, posteriormente, no restabelecimento da capitania com gove no independente, conforme Decreto de 8 de Julho de 1820, baixado no Rio de Janeiro, por D. João VI e referendado por Thomaz Antonio de Villa Nova Portugal.

Explicquemo nos, Recorrendo ao erudito Candido Mendes, para quem constituia phanal, nas pugnas do espirito, *a lutar com a intelligencia e vencer pela vontade*, em seu Atlas do Imperio do Brasil, pagina 15, edição de 1868, vemos que o historio-grapho bahiano, autoridade insuspeita, Ignacio Accioly de Cerqueira Silva, em suas *Memorias historicas da provincia da Bahia*, fazia chegar os limites de Sergipe, antes da invasão hollandeza, até a margem esquerda do rio Iahambupe.

Em Setembro de 1643, rendendo-se ou capitulando os hollandezes, no forte Mauricio margem norte do S. Francisco, ás forças de Nico au Aranha Pacheco, libertado o territorio sergipano das violentas incursões, conquistas e permanencia dos procuradores dos Estados Geraes—sendo de relativa e somenos importancia a tentativa de reconquista pelos batavos em 1647, sob as ordens do coronel Handerson e do Almirante Lychthard.

A historia do Brasil, no XVII seculo, reflecte as grandes campanhas do valeroso portuguez, auxiliado pelo indio e pelo africano, commandados por Felippe Camarão e Henrique Dias, respectivamente, contra os que, vindo da Hollanda, de França e da Inglaterra, pretendiam usurpar os domínios de Portugal. Os archivos da epocha, que se encontravam no Maranhão, Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro, eram profanados pelos invasores, quando logravam ephemeras victorias, destruindo e levando grande parte dos papeis, alem de possuirem chronistas astutos e remuneadores, que, em

seus palzes contavam coisas magostas da nossa terra e da nossa gente, descrevendo fabulosas riquezas que perseguiam os forasteiros, evocando as lendas e seducções da natureza, a phantasia estonteante de maravilhoso El Dorado. Era, mesmo, para as Indias orientaes, cujo caminho pelo occidente havia indicado Vasco da Gama, que se dirigia, de preferencia, a penna do chronista lusitano, de modo que muitos acontecimentos colonaes da nossa vida interna ficaram esquecidos, duvidosos e de narrativa deficiente, obscura e incompleta. Sergipe em seu formoso territorio visitado por mercadores francezes, que sabiam atrahir o indigena, occupado, militarmente, em fins do XVI seculo, por Christovam de Barros, para ser, em seguida, abandonado, novamente, pelo governo de Lisboa, não pod a escapar a essa fatalidade d'aqual, sem duvida, na opinião do geographo-historiador maranhense, já citado, resultou para seus *Annacs*, por mais de uma centuria, a maior das obscuridades, mergulhado, completamente de 1658-1696, cerca de 40 annos, no regimen da mais absoluta caudilhagem.

Parte das margens do rio Real, atravessando todo Sergipe, em direcção a Pernambuco, o primeiro grito de revolta contra a dominação hollandeza. João Fernandes Vieira, que se tornou o chefe portuguez da revolução contra o dominio hollandez, auxiliado pelo machiavelismo do governador da Bahia, Telles da Silva, e pela grande força diplomatica do brasileiro André Vidal de Negreiros, escreveu em 1644, segundo se lê no eminente Felisbello Freire, *Historia de Sergipe*, pagina 116, a d. Antonio Felipe Camarão, alojado em terras sergipanas, com os seus aborigenes e bem assim a Henrique Dias, então, na guerra dos Palmares, para que, consoante as expressões de Calado e de Fr. Raphael de Jesus, não lhe faltassem, agora, na miséria em que estavam os moradores de Pernambuco.

Levantando acampamento do rio Real, onde reuniram seus homens, os dois valentes generaes dos índios e dos negros, em 25 de Março de 1645, começaram, heroicamente, a sua marcha atravéz dos sertões, precipitando-se, deste modo, o rompimento das hostilidades pelas

trapas de Vieira nos arredores do engenho Ipojuca, à pequena distancia de Olinda e do Recife. São bem judiciosas, fundamentalmente justas e honestas, despidas de parcialidade, estas memoráveis palavras do referido e emerito historiador sergipano, que foi, ao mesmo tempo, consagrado financista e literato:

«É muito glorioso á historia de Sergipe registrar o facto de se ter em seu territorio levantado o primeiro grito de revolta, pondo em actividade a primeira deliberação patriótica para romper as poderosas fortificações batavas. É de grande gloria a historia sergipana ter de registrar como seu, esse facto, do qual dependia o caracter de uma civilização futura. Se, até então, a idéa da revolução não passava de um simples desejo, de uma aspiração dos conquistados, ella, agora, transforma-se em facto. Era impossivel que se continuasse a manter qualquer prazo de adiamento. Os caudilhos (Camão e Henrique Dias) rompem a marcha pelos agrestes sertões e, deixando as ribas do rio Real, vadeam o S. Francisco e vão reunir-se aos revolucionarios, depois da esplendida victoria do Monte das Tabocas». (Historia de Sergipe—pags. 118, 119 e 120).

Deve-se portanto, meus senhores, ao calor destas terras, á madrugada destas paisagens, aurota de-lumbrante, sol deste abençoado céu, o despertar do sentimento libertador pela grandeza e prosperidade dos nossos destinos—Deve-se ao sofrimento dos nossos antepassados, nas dobras do abandono administrativo e do mercantilismo dos intrusos, o surto do patriotismo, crystalino, cantante e irrefreavel, vindo das solidões do rio Real. Deve-se ao heroismo formado aqui, em grande parte, na mais santa das aspirações, não só o imperio do idioma lusitano, refundido nas scintillações geniaes de Camões e do padre Vieira, como tambem, deve-se a reivindicacão da nossa integridade politica, a unificacão definitiva desta opulenta Patria, educada e fortalecida, mereç de Deus, com o valor do sangue latino, na elevação do pensamento e do espirito, pela conquista dos sagrados ideaes do progresso e humanidade. Deve-se á nobreza cívica, ao poder inexcedivel dos corações que pulsavam nas choupanas, espalhadas pela ribancei-

ra das aguas ou espessura dos bosques, aos fogos que crepitavam nos limites da antiga capitania, fundada por Christovam de Barros, e a elle concedida pelo rei hespanhol, que dominava em Portugal, ao movimento surpreendente dos terços ou legiões aquartellados em Sergipe, a maior somma de beneficios, os successos das batalhas, a victoria das armas coloniaes contra o desmembramento do Brasil.

Honra, pois, á memoria desses heroes que combateram pela unidade nacional, pelo futuro e engrandecimento das terras de Santa Cruz! Honra, pois, aos immortedouros feitos dos legionarios que, na sustentação dos nossos direitos, transpuzeram o Ipiranga ou Vasa-Barris, atravessaram o S. Francisco e foram se unir, nas margens do Capiberibe, aos milicianos de Pernambuco, confraternizando com as tropas libertadoras de Fernandes Vieira, e conseguindo expul'sar o estrangeiro e lançando o alicerce da ordem, da pacificação e do nosso engrandecimento, á custa dos mais penos e trabalhos e dos mais duros sacrificios.

Olhemos, sem vacillação, em nome da verdade e dos factos, len-to as nossas paginas de ouro, para os constructores deste paiz, collo-so americano e mundial, olhemos para os heroes que derramaram seu sangue, a bem de nossa causa, figuras virtuosas, bendictas e abençoadas, que nunca se apagarão na velhice da historia e na gratidão da posteridade, figuras sempre luminosas e admiradas, de norte a sul, na lembrança do passado, senhoras de nosso affecto e da nossa veneração, de reconhecimento das gerações presentes e das gerações futuras, almas canonisadas pelo mais brasileiro de todos os cultos—o da honestidade e do dever, do amor e da justiça.

..

Esta é a casa da sciencia e, aqui, me encontro no verdadeiro templo das pesquisas e das investigações, da observação e da experiencia amadurecida.

Em vosso meio, neste ambiente de luz, onde se estudam e são registrados os phenomenos sociaes, que se

desenrolam no correr das idades, sinto-me, podéis acreditar, muito bem e muito mal, muito contente e bastante acobruçado, aos dictames da minha consciencia.

*Nosce te ipsum.*

Sim, meus eminentes confrades, meus senhores, jamais deixarei de, em todas as phases da vida, perceber a pequenez da minha intelligencia, a exiguidade e insufficiencia da cultura, que adquiro e venho adquirindo, o desvalor da minha contribuição, a bem da collectividade.

Mas, se me reconheço, curvado pela tristeza, ao péso do desalento e contrariedade por tamanha desdita, cantam-me no espirito, na alma enlutada as vibrações da alegria, os transportes do desvanecimento, quando a fortuna e as circumstancias me approximam dos homens de saber, dos apóstolos da honra, e do dever, dos semeadores da fé, da justiça e da verdade.

Em vosso meio, pois, estou francamente, á vontade, porque me vejo e sinto entre mestres, entre os grandes obreiros da civilização e bemfeitores da humanidade.

Em vossa companhia, tímido e respeitoso, venho apreender, rebuscar convosco os archivos e os Annaes, vestir a tunica da imparcialidade, analysar, joeirar e commentar, procurando offerecer aos coevos e aos posteros as lições do passado e do presente, que conduzem ao caminho das conquistas liberaes e á culminancia da prosperidade.

O historiador não se pertence, porque deve obediencia aos factos e á chronologia, ao imperio dos acontecimentos e á expressão positiva das datas, na successão dos dias, dos annos e dos seculos. Se pode descobrir, não pode crear, nem inventar.

E com esta directriz, com estes principios que ha longo tempo, vindes professando e praticando, muito lucrará o Estado de Sergipe na sustentação dos seus direitos, na defesa das suas causas e dos seus interesses, que, fico certo, nunca serão pleiteados sem a mais esclarecida razão, sem a mais evidente e intangivel, inconcussa e irreirragavel justiça.

E, com estes propósitos e com estas idéas, estarei sempre nas vossas fileiras, ao lado do povo sergipance dos poderes constituídos.

Eu me submetto á honra do diploma que me conferistes, ás eloquentes e expressivas palavras do vosso brilhante orador e vos saúdo com a maxima intensidade do meu affecto e da minha gratidão »

Palmas vibrantes se fizeram ouvir em applauso ás palavras do acatado parlamentar.

Com a palavra o dr. Huald Cardoso, orador official do Instituto, agradeceu o comparecimento que a reunião logrou, e exalçou os meritos incontestes do homenageado.

Ao referir-se á figura notavel de Ivo do Prado, o illustre orador teve palavras de grande expressão, resultando o imponente relevo de sua obra e os traços magnificos da bondade que o caracterizou, e poz á consideração da casa a idéa de ergir-se um monumento ao abnegado e talentoso sergipano, nome para que não rão equivas as sympathias de todos que nasceram sobre este solo amado.

Os conceitos assim proferidos foram unanimemente applaudidos e apoiados, e foram chave de ouro a aquella reunião de carinho e de patriotismo.





## QUAL O RIO QUE BANHA A CIDADE

**Exposição feita perante o Instituto Histórico pelo socio Elias Montalvão, para este fim designado, - 13 de Maio de 1925.**

*Dignissimos senhores,  
Respeitaveis confrades :*

Incumbido pelo conspicuo presidente deste Instituto para aclarar o verdadeiro nome do rio que banha a nossa ja empolgante e futura Capital, a bella cidade de Aracajú, venho desobrigar-me de tão honroso encargo.

Não obstante as difficuldades oppostas pelo meu estado de saude, consegui subir ao Capitolio, e assim, dizer como Cezar «Veni, vide, vice.»

Sr. Presidente deste Instituto :

No desempenho da missão que me confiastes, venho apresentar vos a minha modesta exposição :

O rio que passa entre Aracajú e o povoado Barra dos Coqueiros, é o Sergipe que, ao lançar-se no Atlantico, deste recebe grande contingente d'agua salgada, formando o bello estuario que apresenta uma perspectiva encantadora. No emtanto ha quem supponha que tal rio é o Cotiaçuiba.

Afim de destruir tal perplexidade, o Instituto pretende definir qual o rio que banha a Capital: si é o Sergipe ou o Cotinguiba.

Como preliminar.

Entre rios confluentes, é principal o que tem maior extensão, profundidade e volume d'agua.

O rio Sergipe e o Cotinguiba juntam se no logar denominado Doido, onde as suas aguas se confundem correndo depois n'um leito commum.

Disso resulta a duvida: se o rio que passa em Aracajú é o Sergipe ou o Cotinguiba.

Applicando a preliminar: o rio Sergipe é o mais extenso, o mais fundo, emfim, o mais volumoso, conforme vereis.

O Sergipe nasce bem longe, la nas proximidades das antigas fazendas Monte Santo e Contendas, no municipio de Gararu, passa no São Paulo, corre ao Norte da Serra de Itabaiana; banha o municipio de Nossa Senhora das Dores; ja dividiu o de Itabaiana com o de Divina Pastora; confina este municipio com o de Laranjeiras; extrema este com o de Maroim; corre em Riachuelo; banha o povoado Porto das Redes, onde desagua o rio Ganhamoroba, formando um bello estuario; e limita o municipio de Laranjeiras com o de Santo Amaro; em quanto que o Cotinguiba nasce ali, em terras do Engenho Caluz municipio de Laranjeiras, somente interessando ao mesmo municipio e ao do Socorro.

E' bastante para mostrar que o Sergipe é o mais longo.

O rio Sergipe é mais fundo pois é navegavel por vapores de grande calado até Porto das Redes, onde até ja houve Alfandega, enquanto o Cotinguiba a partir de Laranjeiras, onde alcança a influencia das marés, é que se torna transitado por lanchas e pequenas embarcações.

O rio Sergipe é pois o mais extenso o mais fundo e o mais volumoso.

O rio Cotinguiba, outrora Cotindiba, entra pela margem direita do rio Sergipe e vai desaguar no logar

denominado Doido, onde se nota forte agitação das águas, defronte da villa de Santo Amaro.

A carta de sesmaria de Rodrigues da Rocha Peixoto, de 14 de Setembro de 1603 refere-se á «bara do rio *Cotindiba* da banda do norte corendo pello rio seregipe» (Respeitei a orthographia.)

O rio Cotinguiba é um affluente do rio Sergipe.

Foz ou embocadura de um rio é o lugar onde este desagua e se acaba, e por isso perde o nome.

Assim, o rio Sergipe vai terminar em sua foz no Atlantico, do mesmo modo que o rio Cotinguiba findou fazendo a sua foz no rio Sergipe.

Da foz em diante ninguem mais se occupa do rio Sergipe; e porque o rio Cotinguiba deve continuar a ter nome?

Isso é illogico.

A Carta de Sesmaria de Gaspar de Meneses de 7 de Maio de 1601, allude a terras situadas entre o rio Sergipe e o rio Poxim: «do dito rio de Sergipe para ao rio ipochi.» E porque não diz entre o Cotinguiba e o Poxim? Porque o Cotinguiba não corre alli.

A partir da junção dos rios Sergipe e Cotinguiba em direcção á foz no Atlantico, ha uma distancia de 18 kilometros e em todo o percurso, o rio que passa é o Sergipe, pois o Cotinguiba ja concluiu o seu itinerario no Doido.

Agora recorrendo á Historia:

Vencidos os indios em 1.º de Janeiro de 1590, quando Portugal estava sob o sceptro da Hespanha, no reinado de Felippe II, o vencedor, Christovam de Barros, fundou perto da foz do rio Sergipe um arraial ao qual deu o nome de S. Christovam, em homenagem ao santo do seu nome.

Esta povoação, por estar situada á margem do rio Sergipe, tinha tambem o nome de Sergipe como ve-  
reis, não só do requerimento de Thomé de Fernandes de 23 de Julho de 1594, pedindo terras no Cotinguiba como em datas de diversas cartas de sesmaria, pu-  
blicadas, como appendice á "Historia de Sergipe" do

*Sergipe em  
o nome da  
Cidade do  
rio, que a ha  
mã, e he o  
letra o nome*

*que o povo, que de lá se transferiu para o dito da terra, onde substituiu a por  
Paranaguera e os rios grande ou do Aracaju, por causa de serem  
nao vitima do anonimato, passou a ter o nome "do Cotinguiba"  
e não o anterior "Cotinguiba".*

inolvidavel Dr. Felisbello Freire: por isso evito de trascrevel-os, para não me tornar prolixo.

Os moradores da povoação de São Christovam tambem chamada Sergipe, receiosos de que os francezes voltassem para reivindicar a antiga posse, mudaram a povoação para um outeiro nas proximidades da confluencia do rio Pilanga com o Poxim.

A tal mudança se refere a carta de Sesmaria do capitão-mór Manuel Thomé da Rocha, datada de Sergipe, 3 de Setembro de 1603.

Tendo a experiencia demonstrado que tal situação era inconveniente para o commercio, foi transferida em 1603 a 1607, para a margem esquerda do rio Paramopama.

Eis ahi porque a nossa primitiva capital tinha dous nomes:

São Christovam e Sergipe, sem que por ahi passe o rio deste nome (.)

A antiga existencia simultanea dos dous nomes é indiscutivel, porque as cartas do Sesmarias no começo fazem referencia: "nesta cidade de S. Christovam" e no fim são datadas de Sergipe. *isto é, meu filho, do*

Como está evidente o rio que passa em Aracajú, sempre teve o nome de Sergipe e não o de Cotinguiba. *isto é, meu filho, do*

Conforme está exposto, já não ex'itia á margem do Sergipe a povoação Então o Cotinguiba era a região importante e frequentada e assim as barcas demandavam a barra da Cotinguiba, isto é a que dava accesso á Cotinguiba. Não era a barra do rio deste nome.

Do mesmo modo que acontece chamar-se Barra de Penedo, Barra da Estancia etc. quando a barra é do rio S. Francisco e do Rio Real respectivamente, a então chamada Barra da Cotinguiba é a do rio Sergipe.

E para melhor esclarecer que a barra era entrada para se ir á Cotinguiba e não barra do rio de tal nome indica as actas das sessões do Conselho de Provincia de 6, 20 e 25 de Agosto de 1824 que positiva clara-

(.) Que influencia! menos a ultima do Aracajú, que Santo Antão do Aracajú, que a da Olaria velha de Jordão do Aracajú, todas as dous antigas Capitais, ou Cidades foram de Sergipe, tendo o nome primitivo de São Christovam e a locução chronologica - São Christovam de Sergipe e isto não

Cidade ou Capitão

mente «Barra da Cotinguiba» (Revista do Instituto Histórico e Geographico de Sergipe, anno II, 1914, Fasciculo II, volume II, paginas 157, 165 e 166.)

E a vós que com tão gentis presenças constituís tão selecto auditorio, confesso que não dissimulo a minha incompetencia, vencida pela consideração de que é credor o honrado presidente, a quem tributo todo respeito; e por isso vos supplico indulgencia e assim justificando me, creio que não me applicareis a phrase de Apelles: *No auctor, ultra crepidam.*

Aldeia do Aracaju (corruptela de *Ubaracajii* (*Ubaracajii*), ou *Santo Antonio da Barra da Barra* (alameda Velha) e nas duas do Antiocho de Urua, a incluída e a verticada, esta que se estende para o lado de fora - Sergipe -, ficando ao lado do orago de São-Christovam, depois da abertura da Capital para o Aracaju, de 1855 em diante. Por isto é que tanto ao Rio Grande, o antigo do Aracaju, quando barba a barra - 1.ª Capital, se chamava de Rio de Sergipe, como Rio de Sergipe era e é o segundo rio mais antigo que barba a barra e junto com o da Lotiguiba, com o Jacuarecoba e com o Jacuarecoba, após muitos rios, formam o Rio Grande ou o do Aracaju; como o era o Barroquinha, quando barba a barra da Barra (1764.ª Capital dedicada a São-Christovam sua sede ou cabeça-branca), pelos que lhe se chamavam o nome próprio.



# Parecer n. 1

## Palavras a proposito da Memoria de Elias Montalvão

O talentoso confrade Clodomir Silva, em seu bem elaborado e substancioso trabalho—*A Cotin-guiba*, logo ao principio, lançou trechos que me apia aqui reproduzir, attenta a verdade que expressam e a segurança do seu genio altamente indagador. Assim diz elle :

«O rio dá, nos mais dos casos, seu nome ao valle que irriga, mas, por essa razão, não fica obrigada a denominação que se dá a traduzir o jus' o synonymo, implicando o mesmo accidente geologico e chorographico. O rio denomina o valle, mas com essa denominação nada soffre a regra de grammatica, nem deve soffrer a estipulação local.

E um exemplo frisante de tal asserção é o valle do gigantesco Amazonas denominar-se—Amazonia.

E isso se verifica porque o que se tem em vista, relativamente à região, é o seu valor economico e suas possibilidades commerciaes, e não somente o curso do ri, por maior e mais poderoso que elle seja.»

E muito a proposito, quanto ás palavras que por mim vão gryphadas, importa ainda uma vez citar a phrase poetica de Tobias Barretto,—que a Cotin-guiba é «a contemporanea de Sergipe.»

(.) De contrario, o rio, que sempre annimo, e que tem o nome do valle, da ribeira do local onde flui aquella de importância

sim, mas tem o nome do rio.

Como o autor do trabalho citado, o mestre a'lude a uma zona ou região de caracter seu proprio, a qual desde antigos tempos coloniaes vem exercendo subida funcção historica e civilisadora. Razoavel, portanto é a distincção de *A Cotinguiba* de *O Cotinguiba*, referindo-se o primeiro conceito ao grande tracto do Estado que habitamos, ao passo que o segundo exclusivamente intende com o rio.

Se bem me recordo, ainda em 1808 a escriptura de venda do engenho do padre Manuel Bernardino da Silva Botelho, referindo-se ao riacho das Ostras, reza rio Aracaju da Cotinguiba como tambem é o mesmo o nome do extincto engenho. Por sua forma genitiva—*Aracaju da Cotinguiba*—o nome do pequeno rio sergipense denota não ser affluente do rio Cotinguiba, mas um curso de aguas pertencente á região que tem igual nome. E pois não se verificando o seu desagüe no Cotinguiba, que tem sua foz muito acima, é certo que fenece em outro rio. Qual será?

Segundo a classificação kantescas, que não podemos recusar, os rios dividem-se em rios *reaes*, *affluentes* e *confluentes*, sendo os primeiros os que cavam mais fundo o leito do canal e são mais extensos e volumosos, têm bacia independente, propria e correm da nascente á embocadura recebendo grande numero de outros. Não se pode admitir que a primeira categoria ajusta se ao Cotinguiba, rio de curso menor e menos volumoso em relação ao Sergipe.

Fosse qual fosse a causa que o inveterou e o consagrou nos livros e compendios de chorographia brasílica, o facto iniludivel é que é deploravel erro talvez nascido da pouca attenção que se presta ás cousas patrias, o nome Cotinguiba dado ao rio que banha Acaju e ao seu abrigado estuario. Nem somente os incultos assim o indicam, os sabios são os unicos passíveis de censura, por terem autorizado tão grande erro.

Já é tempo de banir-se o erro, e Elias Montalvão

e) Rio Aracaju da (barra) do Cotinguiba. Cotinguiba  
 em Sergipe nunca foram rios, mas regiões: Rio do  
 Cotinguiba; Rio de Sergipe.

victoriosamente o elimina. Sua Memoria, lida no Instituto Historico e Geographico, cabalmente affirma e prova que é o Sergipe, e não o Cotinguiba, o rio que banha a cidade do Aracaju. É uma excellente contribuição. Penso, subscrivendo a sua opinião, que incumbe ao Instituto Historico e Geographico de Sergipe não somente divulgar-a, mas tambem communicar-a a todos os Institutos e Sociedades Brasileiras de Geographia; porquanto, se como disse é a opinião do auctor, é a verdadeira e a todo momento verificavel por quem quer que tenha olhos de ver. Elias Montalvão é rapido e breve em sua exposição, mas demonstra e prova com clareza e conhece com segurança.

É o meu parecer.

24-5-1925.

*M. P. Oliveira Telles.*





## Parecer n. 2

### A COTINGUIBA *Diserto: Quiti (ar)guiba*

O habito que se encontra radicado nos documentos de character official traçados de ha certo tempo, de se chamar Cotinguiba ao rio Sergipe, impellia-nos para a preocupação deste arauzel, com o auxilio de documentos antigos, de auctorizada procedencia.

A preocupação é deixar inilluível que o rio que banha Aracaju é o Sergipe e não o Cotinguiba, e que o é por três imperiosos motivos:—a condição geographica, o valor fluvial, e a tradição historica. Estudamos—A Cotinguiba, com seus dois aspectos: antigo e moderno.

.....

Quando, em 1864 talvez, o capuchinho frei Paulo de Casas Novas, em companhia de frei David de Perugga, pregava missão na recém-nada capital da Provincia de Sergipe, um grupo de estudantes a que, sem duvida, feriu alguma consideração expendida pelo missionario contra suas bregeirices de rapazes estouvados, deixou, á porta da casa em que se achavam hospedados, fornado feixe de capim.

Nada disseram da affrenta os agredidos, mas, ao dia em que se teriam de transportar a S. Salvador, quando no bote que os devesse conduzir até bordo do navio, o mais velho, frei Paulo, descalçou vagarosamente as alpercatas e bateu-as com cuidado contra a borda da embarcação.

Inquerido por alguém que os acompanhava de

porque assim fazia, explicou o missionário que era "para não levar nem um só fragmento de areia" e Aracaju». E terminou, prophético: — 'Tempo há de vir em que o marante, passando para o Porto-das-Redes, pergunte: «Onde foi, aqui, a cidade de Aracaju?»

É que o capuchinho, vendo em muitos conhecimentos sabendo a formação das ilhas de areia da costa do Brasil, entendia que as terras irrompentes pelo trabalho dos rios e do mar do oceano, não têm longa existência, e por isso, prognosticava a desapareição de Aracaju, o que se dá, somente pela agua.

Crendo em que, algum dia, as aguas atlânticas quando a ilha de areia que é a Barra-dos-coqueiros antes simples faixa de terra peninsular, possa desaparecer, venha a invadir toda a zona em que Aracaju assenta, é logico que a cidade será invadida.

Sendo, como é, o trecto oriental do territorio sergipeense, principalmente, baixo e recoberto de terrenos de alluvão, em que repontam, isoladamente trectos jurássicos sobrepostos ao largo terrago silurico-geral, facil é prever que a mesma condição que impoz o lento recuo das aguas para que se effectivasse a emersão da terra, isochrono e intermitente, tenha estabeccido a tendencia, numa hypothese de inundação, para uma effectivação, busca pois que a invasão lenta e constante não é possível, em razão dos obices oppositos pe a edificação da cidade.

Que a agua do rio Sergipe, obedecendo, talvez, á tradição geologica dos mesmos factores que agiram antigamente para o retrahimento do oceano e dos mares que banharam estas terras, venha normalmente recuando, é facto que de con inuo se registra e que se pode apontar.

As dunas de areia que o Atlantico afiron na linha litoranea que vem de Santa Izabel ao rio Itanhhy (Real da Praia), como um ponto final, sem duvida, á formação do territorio, e que constituem,

Assim, uma seriação moveliza parallela à estrectificada de *grés*s que cete de Serra regia à de Canini, attestam pela sua posição, o ultimo ponto occupado pelas aguas, quando, na epocha da longinqua infancia da terra americana, formava-se a costa, pontilhada de ilhas que, depois, consolidaram-se e aglutinaram-se, perfazendo a actual terra firme a cujo remoto occidente a debruam, qual gigantesca moldura, os Andes emergidos das ondas do Pacifico.

A mesma força que determinou a recuo das aguas poderá, obediente a motivos inevitaveis, produzir o avanço violento e irremediavel, o que, ao ter effeito, satisfará a agourenta predição do trade zangado, uma vez que Aracaju, e seu littoral se encontram a quasi um metro abaixo do nivel do mar.

Seu solo, formado de areia e detricto, tem destacada, somente, como prolações denunciadoras de uma incontrastavel filiação moriologica, a sêr e ininterrupta de cuteiros que descendo da cordilheira do Itabaiana por Larangeiras, ao norte, e pelas margens do Poxim, ao oeste e ao sul e ao sudeste, vem assignalar os pontos de terra que primeiramente se emergiram do largo lençol liquido que envolvia a eros a sergipense, depois da emergência d's culminaneis e centenas d' territorio.

Por esse tempo, deveriam constituir locais firmes em meio à invasão das aguas, as séries d' cuteiros de areia e *grés*s que determinam, a nordeste da região inundada, entre a serra do Aracaju (Alto-do urubu) e o Atlantico, tendo por fundo as terras do Sapucahy e Marujim—o seio vasto que, inevitavelmente, nos ultimos periodos, foi occupado pelo salso element), mais demoradamente. Dão, ainda hoje, testemunho dessa occupação, as margens de areia branca visiv-ais no estuario do rio Serzipe, em todas as suas quatro phases, o que somente a approximação dos oceanos faz surgir.

Assim raciocinando, é facil concluir que a ultima formação estuarica deste rio é obra da eleva-

ção da terra arenosa que é a Barra-dos-coqueiros, exclusivamente, e que, antes península, tornou-se a partir de 1865, ilha, com a abertura do canal do Pomonga.

Pela mesma forma porque esta faixa de terra ponde elevar-se, diversas outras têm apparecido, sendo de notar a ilha que, perto da foz do Sergipe, tem surgido e desaparecido diversas vezes:—a Coroa-do-meio.

Essas terras affloram e submergem, não se podendo computar o tempo de sua vida insular ou de baixio. Visto que se compõem de areias movediças e de detritos trazidos pelas correntes, não têm estabilidade, e são conduzidas ao léu das aguas, como terra devastada e dissolvida.

E' esse um trabalho de ariete que a'inda não perfizeram seu cyclo vital, como tambem o é dos oceanos, e é o que faz, justamente, a maior difficuldade das barras, onde a areia trazida sofre o embate das marés montantes.

Porque a parte final do estuario fosse uma consequencia da appareição da Barra-dos-coqueiros, não se pense que, por sua vez, suas aguas não houvessem recuado. Recuam, sim; e ainda ha, hoje em dia, zonas da capital, ao norte e ao sul, que são, a todos os dias, inundadas pelas marés. Muitos dos edificios das ruas mais proximas ao estuario, são edificad's em terreno conquistado á agua e ao ap'cum.

O riacho Aracaju, antigo das Ostras, e que nos apparece nas cartas de sesmarias de Pero Goncalves e Francisco Roiz, ligeiro foi dagna nas marés vasantes: o Tramandaby, ao sul, soffrem a invasão das aguas do estuario em toda sua extensão, sendo que, dantes, tambem era invalido até as nascentes o Riacho das Salinas, que nascia em Cabeça-molle, hoje extincto.

Aos tempos immemoriaes da formação, destacou-se, indubitavelmente, a zona occidental em primeiro lugar, emancipando-se por ultimo as regiões littoreanas, que taes eram: a Japuratoba, a Pitanga, a Cotinguiba, os valles do Vasabarris e do Piaulhy.

*Aracaju*  
*Aracaju*

Aracaju ao Rio de Aracaju de chamar de riacho e nome, mas  
ter seu nome, teve nome de riacho e em sua barra, em  
o Rio de Aracaju e pontos outros que citam em seus cartões, sendo  
nos de 6 e de 7 de VIII-1602: a 1ª, perto de Aracaju a 2ª, perto  
sul do Rio de Cotinguiba, a 3ª, onde hoje se chama Ponta  
Ranqueas ou de Cotinguiba perto da barra de Aracaju

guiba. Em nenhuma ha allusão a riacho, nem a ainda  
a Costa. Ambas são claras: as oul do rio da Cotinguiba e  
na Ponta do Rio Aracaju.

Delineado a largos traços o que teria sido e o que  
foi a Cotinguiba, passemos agora a documentar a afir-  
mação de que os antigos não conhecia um rio Cotin-  
guiba desembocando no Atlantico e tendo por af-  
fluente o rio Sergipe, mas muito propriamente, um  
rio Sergipe que se lança no Atlantico por estuario  
e de que é affluente o pequeno rio Cotinguiba, o  
para a consecução deste intento remontamos a do-  
cumentos de 1570, e acompanhamos os melhores  
auctores, de incontestada consideração e valiosa au-  
toridade.

lin  
Sergipe

Toda a vez que, em documentos e livros anti-  
gos, reparamos com qualqueer referencia á zona  
que abrange os municipios de Aracaju, Laranjei-  
ras, Maroim e Riachuelo, a qual comprehende, pou-  
co mais ou menos, aquella que ora limitada: ao N.  
pelo rio Sergipe; a NNO. por uma recta que ia do  
Sergipe ao engenho "Cambão de cima"; a NO. por  
outra recta que ia encontrar o rio Poxim a O; a  
SO e ao S. pelo rio Poxim; a SE. pela reunião do  
Poxim no Sergipe; a L. pelo estuario do rio Sergi-  
pe — e que constituia a freguezia da Cotinguiba — no-  
tamos que o nome generico que se lhe dá é, invaria-  
velmente — A COTINGUIBA.

Não se escrevia isoladamente Cotinguiba, como  
ainda hoje não se escreve Pitanga, Japarutuba, dès  
que se trate da região representada por qualquer  
destes nomes. Diz a se a *Pitanga*, a *Japarutuba* por  
isso que os rios que têm suas bacias em taes re-  
giões, não lhes supprimem, em dando-lhes o no-  
me, o valor attinente a cada uma dellas.

O rio dá, nos mais dos casos, seu nome ao val-  
le que irriga mas, por esse razão, não fica obri-  
gada a denominação que se dá a traduzir o justo  
synonimo, implicando o mesmo accidente geologi-  
co e chorographico.

Adv contra -  
rio

O rio denomina o valle, mas com essa denomi-  
nação nada soffre a regra de grammatica, nem deve  
soffer a estipulação geographica local. É um ex-  
emplo frisante de tal asserção é o valle do gigan-

Wad

Até há pouco  
Amazônia

mas não é  
Amazônia?

o que se chama  
Amazônia  
Caraciana  
Lombia

o que se chama  
antigo nome  
do rio

o que se chama  
junto a  
de  
na

tesco Amazonas denominar-se — Amazonia.

E isso se verifica porque o que se tem em vista, relativamente á região, é o seu valor econômico, as suas possibilidades commerciaes, e não somente o curso do rio, por maior e mais poderoso que elle seja.

O facto de chamar-se continuamente—A COTINGUIBA, á região que representa o que em o antigo districto DA COTINGUIBA, ligamo-lo também á denominação que lhe dava o gentio

Innumeras etymologias se têm dado á palavra Cotinguiba e, torca é confessar, dellas nenhuma nos satisfaz. São muitas; cada uma, porém, menos significativa, desmentindo, assim, aquelle tom de propriedade que sempre caracterizou o modo de o indigena denominar os locais.

E' notario que o natural, ao ter de dar qualque denominação, fazia-o sempre com a maxima segurança, mesmo para que o nome dado ficasse servindo, invencivelmente, de identificação ao ponto por que se transitava.

Não pareç, a quem estas linhas ler, que o intento por nós demandado é desvalorizar os talentos e saber daquelles que tem, e em tantos lustres, palmilhado este assumpto de explcação de palavras que procedem do tupi.

Não, longo de nós tal desejo. A observação que fazemos é filha da comprehensão do que esta materia permite a opinião de todos, visto que a documentação e as reconstruções disponiveis não accen-tam ainda nuna a segurança quanto ao verdadeiro e incontestavel significado de todas as palavras seja qual for o etymio apresentado.

Para que possa mais clara tornar-se a identificação que pretendemos para o termo cotinguiba, demoremo-nos attentando no que ella significa sob o aspecto hydrographico e topographico, duplo aspecto que, para a dupla comprehensão de seus valores.

Tem o nome de Cotinguiba o rio de valle adulto, de bacia secundaria, com 80 kilometros de curso, e que, nascendo nos brejaes do engenho 'Calus',



Alguns auctores admittem ainda: *cui tyba*, aिवore das coi és. (1)

A nossa opinião, porém, ao encerrar estas decomposições, é que ha notoria falta de expressão em taes palavras.

Toda a terra que, do reconvavo da séde colonial até o rio S. Francisco, ostentava-se ao col nizador comendo rios mais largos e mais possivelmente navegaveis que o rio que, desde seu começo, recebeu o nome de Cotinguiba—era habitada pelas nações selvagem da nova terra americana.

Deprehende-se, pois, que si a idéa do indigena fos e ligar ao rio a noticia de haver por alli navegação a vela, systema que, presumimos, somente depois do estrangeiro foi por elles adoptado, ao Itapicuru, ao Vasabarris é que seria, de preferencia, dado o nome de Cotinguiba, por isso que por elles teriam singrado as velozes rgaras de Surubi' (2) e Mboepeba—e não ao pequeno curso d'agua irrompente duma região em que maiores rios se apresentavam formosos e apreciaveis.

A delinição de Rohan, mais complicada e difficil que as outras, pecca na sua artificialidade, pelo caracter de antagonismo á lingua. De certo que não ha noticia de que, em tempo proximo ao diluimento dos radicacs e das palavras da lingua tupi' no portuguez, o que deu o dialecto falado no Brasil, vocabulo algum se contrahisse tão de rapido e violentamente, palavra alguma conseguisse tamanha dim nuição em seus elementos componentes, a ponto de ficar, assim completamente desfigurada.

São quatro termos, dissyllab os todos, que se contrahem até que formam uma palavra de quatro simples syllabas.

Ao tempo em que a agglutinação que vimos discutindo se tivesse effectuado a lingua não estava desnaturada de modo a attingir um vocabulo tamanho extremo de simplificação.

(1) Apud Armindo Guaraná.

(2) Os terminados em *t*, escrevemol os com apostrophos ao fim, porque entendemos faltar alli um *c* que quasi não soa, assim: *tupi-c*.

Por signom  
trasmu  
Arromim,  
Cotinguiba

Beza 7 C. impioyala bairco e a ultm. pilla ha nos  
mialuboi passmatoros gressa met e' aut'vref. Luan  
chaboo non d'iger aqueli C. monost? 1 O colono e' gey  
gostoso de fantey p'm n' on um n' l'm gressa de m'ca  
p' n' e' com em m' p'm parte melior noma gressa m'ca

Tomemos a escripto de 1594, isto é, de quatro annos depois da conquista do norte do Itanhý, epocha em que o conquistador ainda não tinha razão para conhecer a prosodia definitiva de cada termo, o apontamento que nos vai servir de apoio; — a carta de sesmaria concedida a Thomé Fernandes, a 23 de Junho desse apontado anno, na qual se encontra a palavra griphada — *Cotenguiba* — muito differente, como se vê, daquella que nos apresenta Rohan: — *Ybiquitingatyba*.

A analyse de Von Martius e João Severiano da Fonseca, temos a oppôr que não foi abundante em Sergipe, nem tão usada, a arvore do sabão.

Cui-tyba seria uma definição razoavel, si a coité fosse vegetação de litoral, e, tambam, si a explicação dada abrangesse todos os termos de que se compõe a palavra.

Porque tenhamos passado ja em revista as diversas decomposições que se vêm applicando ao vocabulo Cotinguiba, mestôr se torna expendamos uma opinião pessoal a proposito da etymologia deste vocabulo.

O indigena denominava o local de modo que, sempre, a vista, ou a inspecção rapida, determinasse tudo o que o identificava. Cada trecho era definido pelo quanto se apresentava nelle de relevo indubitavel.

O territorio do norte do Itapicuru, em sua quasi totalidade, era povoado pela nação tabajara e essa nação falava o tupi, pelo que será a essa lingua que iremos pedir os elementos que nos sirvam de apoio.

Os indigenas, altivos e arrojadados que eram, usavam denominar se com emphase, de modo que o seu poderio tivesse um como que brasão no proprio nome de cada um delles. Extendiam, como uma especie de prolação desse decantado valôr, aos locaes que habitavam, seus nomes de guerra, que de guerra toda era a vida desses fortes habitantes de Pindorama. (?) *baixava*

Assim, em Sergipe, os nomes nôs affirmam esta observação: — Japarutuba, o chefe de muitos guerreiros, era o da grande quantidade de arcos; ubirapara, arco; tuba, grande quantidade: o que tinha as provisões da caça; Pacatuba, paca-tuba: o que era forte; pinda, alteração de pindó, palma, palmeira; yba, arvore, tronco —

(1) Em todo territorio habitado a Tupi virava a lingua geral, que tinha os respectivos dialetos, como o Itabiano e Tabajara nas demais linguas cultas. *Procedia!*

*Cota Nôta*

*Quere?*  
*Poa*

*em o livro de  
alio. & em  
for, o mesmo,  
v. a. e. e.  
Tajara!*

Gêneros indígenas  
 criados por um  
 homem falante  
 toscano!

*Pyndaitiba*: o que tinha a agudez da farpa, *Civilyba*, para  
 de til-cha: *Mboepeba*, de *mboe*, cobra; *peba*, redonda;  
 cobra de bote armado.

Vê se, pois, que a Cotinguiba de hoje, região fer-  
 til e litocânea que serviu fartamente à lavoura e à ca-  
 ça, dotada de belezas naturais avanhadas, com ele-  
 mentos para se fazer representar mais nitidamente no  
 seio da expressiva e sonora língua dos indígenas, teria  
 uma denominação apropriada ao papel que desempe-  
 nharia na vida aventureira do selvagem.

Custa a crer que fosse a areia branca, que o Co-  
 tinguiba não teve e não tem, o mastro da veia, a árvore  
 do sabão, ou das coités, o que viesse a dar o nome ge-  
 nérico a uma região em que eram abundantes caracte-  
 rísticas mais significativas.

Em face destas razões, é que nos parece ser a le-  
 gitima esta decomposição que nos aventuramos a fazer:  
 a gente; *coti* pouso, casa; *nyba* grande quantidade;  
 o que, ligado, exprime—grande quantidade de caba-  
 nas. Ou, tomando, ainda, *coti* como significando; repou-  
 so, descanso, temos a traducção—muita gente descan-  
 sada.

Isso é mais proprio, mais positivo, e consulte me-  
 lhor aquella sempre affirmada intelligencia do incola  
 em denominar o local por tudo aquillo que nelle mais  
 podesse impressionar.

Uma das duas explicações, que de si mesmo cada  
 uma implica a outra, diz melhor da condição de todo  
 este se til trato de terra que é conhecido ainda hoje  
 pelo nome de—*A Cotinguiba*.

Analisando, ainda, as formas com que, logo depois  
 da conquista do territorio, a partir de 1594, subindo  
 a colonização o rio Sergipe e se espraiando na região  
 pelo vale inferior das sesmarias escrevia-se a palavra  
 Cotinguiba de hoje, é somente em 1757 que encontra-  
 mos fixa a graphia—*Cotinguiba*, como mostra o docu-  
 mento official constante da "Relação dos logares, po-  
 voações e rios da Freguezia de Jesus Maria José e S.  
 Gonçalo do Pé do Banco, no Arcebispado da Bahia, pelo  
 Vigario João Cardoso de Souza" e da "Noticia sobre  
 a Freguezia de Nossa Senhora do Socorro da Cotia-

Cotinguiba  
 É a estrema-  
 ção...

*guiba*, no Arcebispado da Bahia, pelo Vigário José de Souza". apanhados dentre os que folheamos.

Só esporadicamente surge neste lapso apontado, em alguns documentos, a terminação "*guiba*", corrompido o *nd* da palavra *ndyba* em *g*, mudança obrigada pela nasalização da sílaba anterior a que ficou pertencendo o *n* do grupo *nd* do vocabulo *ndyba* primitivo.

Das dezolto formas de graphar a palavra em questão, que tantas são as que tivemos oportunidade de distinguir nos muitos documentos que compulsamos, concluímos que só espaçadamente a terminação *guiba* apparece pois seis vezes, do espaço largo de 193 annos.

Inserindo entre a demorada parêntica que fazemos e as comprobantes devidas, a lista que temos destes apontados documentos, mais facil se torna a apreciação de quem se quizer dar ao trabalho de confrontar:

## SESMOS

DATA	PROPRIETARIO	DENOMINAÇÃO
23 - 7 - 1594	Thomé Fernandes	CONTEMGUIBA
20 1-1602	Diogo Lopes Velho	QUOTIDIBA
20-7-1602	Melchior Masiel Dandrade	QUATINGERIBA
2-8-1602	Manuel Rodrigues	COTIMGIBA
2-8-1602	Gonsalo Alvares	COTINDIBA
2-8-1602	Melchior Masiel Dandrade	QUOATINGUYBA
2-8-1602	Gaspar Damorim e Manoel Temo	COTINDIBA
2-8-1602	Pero Novais de Sampaio	COMTEGIBA
2 8-1602	Joam Ferreira	QUATINGUIBA
2-8-1602	Antonio Guedes	QUATINDIBA
3-8-1602	Manoel Rodrigues Simão Lopes	COTINGIBA
6-8-1602	Francisco Roiz	QUATINDIBA
8-8-1602	Manoell Affonso	QUATINDIBA

17-8-1602	Hario Ramos . . .	QUATIMGUIBA
17-8-1602	Melchior Masiel e Baltazar Masiel	QUATIMGUIBA
8-10-1602	Pero Novais de Sampaio	QUOATIMGIBA
24-12-1602	Antonio Guedes	QUADIMDIBA
5-8-1603	Padres de S. Bento	COTENDIBA
18-8-1603	Rodrigo da Rocha	COTINDIBA
14-9-1603	Rodrigo da Rocha Peixoto	CATIMDIBA
8-2-1607	Antonio Nunes Ramão e Diogo da Silva	QUATENJIBA
18-8-1623	Antonio de Azevedo	COTENDIBA

### CARTAS

1703	Guilherme de L'Isle (2º)	GUARATYBA
1751	Carta Portugueza (copiada)	COTINDIBA

Em resumo, a palavra questionada emprega-se como :

CATIMDIBA	
COMTEGIBA	
CONTEMGUIBA . . . . .	uma vez
COTENDIBA . . . . .	duas vezes
COTIMGIBA . . . . .	uma vez
COTINDIBA . . . . .	quatro vezes
COTINGIBA	
GUAPATYBA	
QUATIMGUIBA	
QUATENJIBA . . . . .	uma vez
QUATIMDIBA . . . . .	quatro vezes
QUATIMGIBA	
QUATIMGUIBA	
QUATINGUIBA	
QUOATIMGIBA	
QUOATYNGUYBA	
QUOTIDIBA . . . . .	uma vez

resaltando que as mais notadas, o que importa em di-

zer as mais ouvidas da bocca do natural, eram :—CO-TINDIBA e QUATINDIBA (.)

E' dever explicar aos que não tenham descoberto aquella letra *a* inicial na palavra que formulamos, que o vocabulo em apreço nunca foi empregado em sentido geral, isto é, com a significação de região, sem que fosse precedida da ampliação *a*, assim :—*A Cotinguiba*. Claro se torna que este *a* que sempre encontramos em todos os documentos, é a palavra *a* do tupi, que exprime o conceito *pessoa*, como redução que é de *aba* homem, individuo, pessoa do presente, modificado *aba* em *ava*, primeiramente. A expressão *acoti* indígena, que denomina o roedor *cotia* (*Dasyproctideos*), e que significa o *individuo assentado*, em allusão ao costume desse roedor firmar se sobre as patas trazeiras em posição quasi vertical, vem ao nosso apoio. Aconteceu que a palavra reduzida do incola transformou-se, ou melhor, encontrou se com o artigo feminino português.

Poderíamos, em deixando de citar o numero de vezes que temos encontrado a expressão — *A Cotinguiba*, livrar o leitor a uma perigrinação pelos tempos atrás. Como, porém, estamos na obrigação de apresentar do que allegamos a precisa prova, somos, por isso, compellidos a uma busca em documentos, a fim de identificar convenientemente a região e o rio de *Cotinguiba*.

Assim sendo, somos levados a transcrever não somente cartas de sesmarias como documentos officiaes outros, além de informações de valor historico e geographico.

Cartas de sesmarias: (3)

Gaspar Damorim e Manoel Tome—2 de Agosto de 1602... "tres legoas de terra que se mediram da *cotindiba* acima..."

Ilario Ramos - 17 de Agosto de 1602... "ao Ronguo da r beyra da *quatinquiba* arriba..."

Pero Novais de Sampaio—8 de Outubro de 1602... "em a *quatempiba* da banda do norte..."

Antonio Nunes Rumão e Diogo da Silva—8 de Fe-

(3) O gripho é nosso.

(2) *Terra cercada do Conde Quatinquiba*

vereiro de 1607... 'da passage do dito rio que vae *da quatenjiba* pelo dito rio aelma".—Assim é que, somente em tratando-se do rio, temos o emprego do artigo masculino.

Noutro caso, si não está escripto o artigo feminino, encontramos, para significar a região, a simples preposição *de* indeterminativa que não particulaiza, como também a preposição *em*:

Thomé Fernandes... "Ihe dê de sesmaria *em contenguiba* para onde se acabam os Mangues Verdadeiros"...

Gensalo Alvares... "e dahi para baixo pelo rio *de cotendiba*..."

Pedro Novais de Sampaio... "que *em contegiba* estam terras deulluto..."

Antonio Guedes... "no rio *de quatindiba* para a banda do sul..."

Manoel Rodrigues e Simões Lopes... "pelo rio *de cotingiba* asima..."

Francisco Roiz... "no rio *de quatindiba* ao sul..."

Padres de S. Bento... "no rio *de cotendiba* da banda do oeste..."

Rodrigo da Rocha... "no rio *de cotindiba* esta humada de tera..."

De documentos officiaes outros, apontamos:

"Lista das informações e descripções das diversas freguezias do Arcebispado da Baía, enviadas pela Frota de 1757, em cumprimento das Ordens regias expedidas pela Secretaria d'Estado do Ultramar, no anno de 1757.

"Ramo do sertão de Baixo... 44— Nossa Senhora do Socorro *da cotinguiba*".

"Relação da Freguezia de Nossa Senhora da Victoria da Cidade de S. Christovão de Sergipe d'Elrei, pelo Vigario Manoel Coelho de Carvalho—1757.

"Está a dita Cidade" (S. Christovam) "em pouco mais de onze grãos ao sul da linha Equinoctial. Tem a dita freguezia p'ra a parte do sertão oito ou nove legoas de extenção pello Vasabarris de Sima e sinco p'ra seis pellos rios Poxim grande e Merim, e este a

divide da Freguezia do Soccorro da Cotinguiba com quem continua por Nordeste”..

“Noticia sobre a Freguezia de Nossa Senhora do Soccorro da Cotinguiba, no arcebispado da Bahia, pelo vigario José de Sousa—1757.

Está esta freguezia de Nossa Senhora do Soccorro da Cotinguiba povoada entre o rio de Poixim Mirim”...

“Dista o Poixim da Cotinguiba na menor largura, legoa e meia”.

“Noticia sobre a Freguezia de Santo Antonio e Almas da villa de Itabaiana, pelo vigario Francisco da Silva Lobo—1757.

“Tem esta freguezia dez legoas de seu termo, do nascente ao p.ente, e tem vinte e pouco mais ou menos para os certosens, que correm do sul para o norte. Pela parte do nascente confronta com as freguezias de Nossa Senhora do Soccorro da Cotinguiba”...

Relação dos Mosteiros Hospícios e residencias da Provincia de N. Senhora do Carmo da Bahia e Pernambuco, do numero de seus religiosos e das rendas de cada um delles, segundo a conta, que deram os seus respectivos priores. 14 de Julho de 1764.

“Hospício da Cotinguiba. O Hospício de Santo Amaro das Brotas da Cotinguiba tem 4 sacerdotes e hum leigo”.

“Mappa de todas as freguezias que pertencem ao arcebispado da Bahia e sujeitos os seus habitantes no temporal ao governo da mesma Bahia, com a distincção das comarcas e villas a que pertencem, com o numero de fogos e almas, para se saber a gente que se pode tirar de cada uma delias para o serviço de S. M. sem oppressão dos povos. Bahia, 9 de Janeiro de 1775.

“Comarca de Sergipe d’Elrei. N. S. da Victoria da cidade de S. Christovão de Sergipe d’Elrei f. 312, a. 2247—N. S. do Soccorro da Cotinguiba, t. 486, a. 3120”.

“Observação relativa aos corpos de auxiliares e ordenanças da Capitania da Bahia que regulou o Gover-

nador e capitão general d. Fernando José de Portugal em observancia da carta regia de 2 de Novembro de 1787.

.....  
 Capitania e Comarca de Sergipe de Elrei.  
 .....

“Terço da ordenança de que he capitão-mór Jo. e Pereira Passos. Este terço he formado com 11 companhias da villa de Santo Amaro das Brotas, e se divideão estas pela freguezia e districtos na forma seguinte: 1 no sítio do Jordão; 1 entre ambos os rios, que se divide de Pedra Branca té o Mussapé; 1 entre as duas *Japarutabas*; 1 na Pedra Branca da *Japarutaba*; 1 de Mattas abaixo, entre os dois rios de Sergipe e Cotinguiba; 1 na Mussuca; 1 no sítio da Capella; huma de pretos entre ambos os rios da *Cotinguiba* e 1 de pretos dentro da villa”.

Em data de 7 de Fevereiro de 1834, o presidente do Conselho Geral da Provincia remetteu á approvação da Assembléa Geral:

“N. 12—Sendo muito conveniente para commodidade dos povos a divisão da grande freguezia de N. S. do Soccorro da *Cotinguiba*”.

São da “Fallá” á Assembléa Provincial, dirigida pelo dr. Ignacio Joaquim Barbosa, a 20 de Abril de 1854:

.....  
 “Iguaes providencias pes-java eu tomar para a *Barra da Cotinguiba* onde apenas existe uma na *Catuaia* de propriedade do mesmo patrão que a dirige.”

.....  
 “Além da falta de *Catuaia*s, sentem as barras d’esta Provincia ainda uma outra não menos importante—a de *Atalaia*s. Apenas, como sabeis, existe uma na *Barra da Cotinguiba*, mas esta mesma ameaçando ruina.”

.....  
 “Além das mercadorias despachadas pela *Altandega*, são importadas muitas outras pelas *Barras do Rio Real* e *Vaza-barris*, onde não existe mais do que um terço do que importa a *Barra da Cotinguiba*.”

“Fallá” de 1.º de Março de 1855: 22 de mez pro-

ximo passado para o Povoado de Aracaju, na *Barra da Cotinguiba* onde nos achamos, a fim de deliberardes...

“Para obter-se este resultado (prosperidade da lavoura) deve sem duvida concorrer, em parte, a reboagem a vapor na *Barra da Cotinguiba*, que espero ser brevemente realisada”...

“...se a capital for mudada, para a mesma *Barra da Cotinguiba*, onde tem de navegar do vapor e reboque”.

“E’ mesmo para notar que a *Barra da Cotinguiba* pela sua posição topographica domina a porção maior e mais rica da provincia.

“...que vem actuar para que a *Barra da Cotinguiba* seja considerada como o lugar de maior futuro”...

“...estão collocados na *Barra da Cotinguiba*”.

“...mas mudança para a *Barra da Cotinguiba*.”

“Somente a *Barra da Cotinguiba* domina uma extensa porção...”

A partir da epocha da mudança da capital, foi que se tornou official a denominação—barra do Cotinguiba, se-bem que não esteja ainda divulgada a causa de porque se allerou para esta a expressão do projecto :—*Barra da Cotinguiba*.

Toda a discussão do decantado projecto n. 3, apresentado á Assembléa Provincial a 7 de Março de 1855 e firmado por quinze deputados, e ao qual se contrapoz systematicamente o sr. conego José Gonçalves Barroso, versou a respeito da “mudança da capital para o povoado Aracaju, na *Barra da Cotinguiba*.”

E’ da acta da sessão da mesma Assembléa a 6 de Março do dito anno, o seguinte topico :

“O sr. Pereira Barretto observou que julgava inoportuna a indicação, e por isso que não se tinha

*Quarta  
aveia.  
Em todos  
os tempos  
teve este  
nome Barra  
da Cotinguiba*

alinda mudado a capital para a *barra da Cotinguiba*.

Outro testemunho: o do habil pesquisador commendador Antonio José da Silva Travassos, cujo escripto «Apontamentos historicos e topographicos de Sergipe», em referindo-se ao caso, além de denominar sempre—barra da Cotinguiba, expende a seguinte consideração:

«Sergipe (o chefe) dividia seo districto entre os Rios Vasa-barris e o de Sergipe, a quem deu o nome, e hé um dos que forma a *barra da Cotinguiba*.»

Em resumo: A Cotinguiba é uma região perfeitamente identificada entre as regiões do Estado, que são: littoreana, montanhosa e agreste.

A barra do rio Sergipe ao Oceano Atlantico chama-se—barra da Cotinguiba, porque dava, como dá ainda, escoadouro nos productos da Cotinguiba, isto é da zona que constitua a antiga freguezia da Cotinguiba.

Nada têm de commum a barra da Cotinguiba e o rio Cotinguiba.

### RIO SERGIPE

No intuito de deixar provado, com os dados de que dispomos, que o rio Cotinguiba desagua no Sergipe e que este, pela barra da freguezia da Cotinguiba cae no Atlantico por estuario, traçamos agora a parte final.

E' uma teimosia isto, mas justificavel, por isso que pretende, á luz da razão historica, restituir ao rio de aguas movediças, seu nome e seu valor tradicional.

Ao oeste do nosso Estado, nos brejaes de Cipó-de-este, e na fazenda «Varjada», a cinco leguas do lado sul, (parte voltada para Sergipe) distante da Serra Negra, accidente geographico que irrompe em territorio que a Provincia da Bahia, em legislando para a nossa, appropriou clamorosamente—nasce o rio Sergipe, o mais sergipense dos rios das grandes bacias do nosso Estado.

Começa nos ditos brejaes como um pequeno fio que vaé tomando vulto lentamente.

*Barra da Cotinguiba  
Rio de Sergipe  
Rio de Cotinguiba*

É um rio de planície cursando valle adúlto.

A altura de S. Gonçalo, que era antigamente uma das sédes da freguezia de Jesus, Maria, José, e S. Gonçalo do Pê de Banco, conflue o Jacarecica, e, a partir deste encontro, o rio que, ás vezes corta, toma volume d'agua e se enlarguece e fortifica.

E é com esta largura e volume que vem correndo magestoso e limitando Capella, Piv na Pastora, Gararu, Itabaiana, Larangeiras, Marolin, N. S. das Dores, Porto da Folha, Riachuelo, Socorro, S. Paulo, Santo Amaro, Siriry e por fim, formando amplo estuario cahir n. Atlantico.

AO entrar na zona distinguida pelos terrenos de alluvião, reforçado pelas aguas do Jacarecica, o Sergipe demonstra que seu cyclo vital está em franca expansão, e começa a cavar precipitado a areia que vai carreando insolente, para lançar ao Atlantico. Todos os rios que nas phases de seu estuario lhe augmentam o volume, são de entrada asymmetricas, formando angulos agudos, o que quer comprovar a força com que elle cava as margens e as boccas, não lhes permitindo a elles, que tenham escylo proprio ao delineamento de suas paisagens.

E assim é que o primeiro rio sergipense do norte do Estado vem, com o arbitrario movimento de suas aguas victoriosas dentro da grande massa que o Atlantico lhe impõe, augmentando e dissolvendo, alternativamente, os bancos de areia que demoram á sua foz no Oceano, marcando rumo á barra, ora a este, ora mais a oeste, e desfazendo o cothecimento dos praticos que a demandam.

Linhas acima referimo-nos a phases do estuario do Sergipe.

De facto, o rio apresenta quatro aspectos diversos, que nos auctorizam a comprehender quatro phases da formação de seu estuario.

AO deixar a zona baixa, de massapê, que caracteriza o municipio de Riachuelo, rumo ao desaguadouro, o Sergipe vem de NO; para L. já

largo e forte, mais largo e forte que o Cotinguiba, que adiante vem prestar-lhe seu tributo.

Dahi, local onde fica o povoado Porto das Redes to Sapucahy é uniforme, ligeiramente a terado, do Sapucahy até Limoeiro e no das Pedras faz-se o novo aspecto estuarico, que vai findar á Ponta-do-mangue, e, na barra, abre-se a quarta phase.

Todas ellas são de aspecto tão claro e definido, que não escapam a nenhuma alteração.

O Cotinguiba ~~cae~~ <sup>ca</sup> no Sergipe ao começo da segunda secção, onde, como fica dito, elle tem já recebido o Ganhamoroba ao fim da terceira, prestam-lhe o Pomonga, á esquerda, e o do Sal á direita, o seu concurso; ao esahir no Atlantico a nda vem, o rio Poxim-assu, Poxim-mirim, e Pitarga reunido a elle affluir.

A razão de-ser do nome do grande rio, o mais sergipense de todos os rios, é, temos razão para allumar, noutro outra que a apregoada por quantos têm perlustrado estes estudos.

Vem em nosso auxilio, indirectamente embora, a opinião de Ayres do Casal, na sua «Geographia Brasileira», quando levanta a duvida de que o rio Sergipe não tivesse sido explorado pela embocadura, alludindo a que os parcéis que se formam á bocca do rio demandam pratico que de terra, colheça o canal. Comquanto Ayres do Casal alluda ao Cotinguiba que é como elle chama Sergipe, ao qua, depois, refere se dizendo que «Sergipe» é o seu original e verdadeiro nome, o qual conservou-lhe a parte do mar por largos annos depois de conquistado o paiz, não nos priva isto, uma vez que nos occupemos de curso da agua de que elle trata, de valermo-nos de sua opinião.

Adduzimos ainda uma outra nossa, que nos parece astizada. Si o rio desde suas nascentes não teve outro nome, conhecendo-o o natural pelo de *Syrigyppe*, que é como elle apparece nos mappas e documentos, gyrando as alterações dentro do mesmo sem, e tal nome conserva dalli á foz, é logico concluir que não foi o nome de guerra do cacique Ci-

ribeira, o que o denominou. Ficamos aqui com o modo de entender de Manoel dos Passos que liga a este rio a idéia do verbo tupi' *ciri*, espalhar espraiaar.

Decerto, quem o conhece de suas nascentes, affirma que elle é um rio espraiaado nas suas enchentes hybernaes, o que é confirmado pela sua innegavel condição de rio de planície. O nome do cacique, pensamos nós, nada tem de commum com o nome do rio, do mesmo modo que o de Japarutuba não tem significação identica ao do chefe indígena.

Entre Ciryipe e Cirib, ha differença de som e de sentido, somente unidos até na graphia pelo manifesto desamor do portuguez colonizador em todo tempo demonstrado pelo tupi' lingua que sempre quiz moldar ao latim e de que poucas vezes tentou conhecer as particularidades, chegando-nos mais dos casos, a considerar como identico aquillo que apenas parecia.

O caso occorrente com o Sergipe tem similar na denominação do terceiro rio do Estado, que se tem querido ligar ao do cacique.

Assim, podemos decompor-lhe o nome por esta fórma. O *rype*, o que importa em dizer: *o-ciri y-pe* no rio que deslisar, expressão de legitima construcção em lingua tupi'.

Segundo as regras desta lingua o verbo no infinito requer a flexão pronominal relativa á pessoa a que se vae referir. Como tenhamos no caso uma terceira pessoa que pode ser usada sem o pronome pessoal, vem ligada ao infinito a flexão que, conforme a regra, collocase ao principio do verbo, depois do pronome, assim: *o-ciri*, ou seja, elle deslisar, conhecido que o conceito do infinito se mantem.

Em seguida está o *y*, significando agua, e que, pela sua difficil pronuncia, confundese com o som *ghi*, do portuguez. Vem consequentemente a posposição *pe*, significativa duma condição de estado com caracter ablativo e o valor de *em no*.

Destarte: tem se : *Ociripe*, que deu a palavra de hoje em dia.

Rio dos sirys, como se tem geralmente escripto, é definição que denota pouca vontade de raciocinar, e que traz confusão si quizermos comparal-a com a que se empresta ao rio Siriy.

O que se verifica com o Sergipe tem similar, já o dissemos, na denominação do terceiro rio do Estado que se tem querido ligar ao do cacique Ubiraparatba (*abirapara* arco de guerra; *tuba*, abundancia), e cujo nome do rio é Japarutuba, adaptação de *I.* rio; *apara*, voltas, *tuba* abundancia: rio das muitas voltas.

De certo, o rio Sergipe, que desde sua nascente é conhecido com o som que se pode representar, isto é com aquelle que melhor traduziu a prosodia do selvagem: o *ci* y (este *y* com o som proprio ao *y* que significava rio, agua, e que foi tomado como *ghi* e *gi*) e a postposição *pe*, o que equivale a dizer *ociripe*, ou a flexão da 3a. pessoa do singular do indicativo, *oci*, deslisar, espalhar, ou elle espalhado, espraçado; *y* rio; *pe*, no: no rio espraçado, no rio que deslisa.

Si quizessemos admittir a hypothese do nome Cirigipe, significando "rio dos sirys", teriamos que accentuar na existencia do syri commum agua, doce o que não seria pos vel, pois que elles são especialmente da agua salgada, e, então só seria admissivel a denominação de Cirigipe até onde chegasse a agua doce, — até a confluencia do Jacaracica, em S. Gonçalo.

Em contrario a esse modo de dominar, vem os mappas cartas e concessões de sesuarias, que e consideram desde as nascentes como rio Sergipe, não fazendo a seu respeito e contra este proposito allusão alguma.

E a denominação é uniforme, por isso que todo o territorio por elle cortado era habitado por indígenas da raça tupi. Como ainda hoje attestam os nomes de locais à dir ita, à esquerda, às cabeceiras, respeito da palavra exaeta que define o grande rio,

- aqui damos as principaes fórmas usadas antigamente:
- Jan Van Doet, carta de 1585—Sergipe.
- Gabriel Soares, carta de 1587—Sergipe.
- Domingos de Andrade, sesmaria de 27/5/1596 Se-  
regipe.
- Levinus Hulsius, carta de 1599—Sergipe.
- Balazar Luiz domingos fernandes e cristovão  
leal, sesmaria de 11-5-1602—Sergipe.
- Luiz Alvares sesmaria de 27-5-1604—Seregipe.
- Nicolas Sanson, carta de 1650—Sergipe.
- Gaillaume Sanson, carta de 1671—Seregipe.
- Le Pere M. Cironell, carta de 1688—Seregipe.
- Conselho Ultramarino, missiva de 9-2-1695—  
Seregipe.
- Creação de Ouvidorias 26-12-1696—Sergipe.
- Carta a d. João de Lencastre, 16-2-1696—Sergipe
- Nomeação de Diogo Pacheco de Carvalho, 1.<sup>o</sup>  
Ouvidor—Sergipe.
- Onlem, a respeito de limites, 13-7-1696—Sergipe.
- Guillaume de L'Isle, carta de 1700—Seregippe.
- Guillaume de L'Isle, carta de 1703—Seregipe.
- Nicolas de Fer, carta de 1705—Seregipe.
- Matth Scutterum, carta de 1720. C p de—Cirii.
- Cidade e rio de—Seregipe del Roy
- Carta de Manoel de Britto Cazado a Garcia d'  
Avila—16-11-1724—Seregipe..
- Carta ao vigario de Itap cura 10-11-1724—Sere-  
gipe.
- Reclamação dos moradores de Nazareth, 1724  
—Sergipe.
- Ordem regia de 20-11-1725—Sergipe.
- Ordem regia de 4-2-1727—Sergipe.
- Carta de d. Vasco Cezar de Menezes ao rei—  
19-12-1727.
- Ordem de d. João ao conde das Galveas 2-12-  
1735—Sergipe.
- Carta Franceza, 1739—Seregippe.
- Robert Vaulandy, 1750—cap. Seregippe, rio Ce-  
regippe.
- Cópia da carta Portugueza 1757—Seregipe.
- Nolin, carta de 1761—Seregippe.

Janvier, carta de 1762—Sergipe.

Baurgoïn, carta de 1774—Sergipe.

Bonne, carta de 1780—Sergipe.

Decreto de d. João VI. 8 7 1820—Sergipe.

Sem data. Ampliação da carta de Barlæus—Rio Cerigi, Cerigi—cidade; Cergipa capitania—Sergipe. Adaptação do trabalho do Barlæus—Rio Cerigi, cidade Sergipe.

Frei Vicente do Salvador, Cap. VII Sergipe; cap. XVI, Cerizippe, Cerigipa; Cap. XX, Cerzipe Ceregippe; Cap. XXX Sergipe.

Novo orbe seraphico—Ceregippe del Rey.

Valeroso lucideno—Cerigipe del Rey.

Memoria sobre a capitania de Serzipe—d. Marcos de Souza—Serzipe del Rey.

Noticia das nascentes e curso do r'io, conforme documento collido pelo estudioso sacerdote dr. João de Mattos:

1. Aonde nasce o Riacho do Cachorro?

1. No lugar denominado Baixão; em cima da Serra Negra.

2. Nasce e'le ao poente da Serra Negra?

2. No centro da Serra Negra.

3. Que leguastem de sua nascença para a serra?

3. Nasce na mesma Serra Negra.

4. Este riacho corre do Norte ao Sul ou para onde?

4. Da nascença a 4 leguas ao Sul, depois ao Norte.

5. Aonde faz a barra ou desemboca este riacho?

5. Na Iha do Ouro, do Porto da Falha.

6. O arraial Lagôa fica ao Nascente ou ao Poente deste riacho?

6. Ao Sul.

7. Que distancia tem deste arraial Lagôa para o dito riacho?

7. Para a nascença meia legua.

8. Por onde se divide ahi o termo de Bahia com Sergipe?

8. Para o nascente, o Riacho de Cachorra; ao poente o Jacaré.

9. O lugar chamado Cipó de Leite fica ao Poente da Serra Negra?

9 Fica para o sul.

10 Do Cipó-de-leite à Serra Negra que leguas tem?

10 Cinco leguas.

11 Que nome tem o riacho que nasce no Cipó de-leite?

11 O RIO SERGIPE.

12 Para onde corre este riacho e aonde vai desembocar?

12 No Riachuelo ou Pinões.

13 Conserve este riacho em todo o seu curso o mesmo nome?

13 Sim. Quanto ao 8.º quesito: estes dois riachos limitão-se nas suas nascenças com a Serra Negra, ao Norte da qual é Sergipe. Lagôa da Serra Negra, 6 de Novembro de 1904.—*Galdino Pereira Leite, Emygdio José da Costa, Pedro Alexandre de Carvalho, João Martins da Silva.*

N.º 318—sellos—Rs. 400. Pg. quatrocentos réis em verba por falta de estampilhas.

Exactoria de Simão Dias, 26 de Dezembro de 1904.—O Exactor, *E. Santos.*

Reconheço por verdadeiras as firmas supra que são dos próprios punhos dos signatarios, do que dou fé. Cidade de Simão Dias, 26 de Dezembro de 1904.—Em testemunho da verdade.—O Tabellião *Christovão Moreira da Costa.*

E' este documento a que, pela sua precisão e procelencia, prestamos o valor de nos servir de guia quanto á determinação das nascentes do rio Sergipe.

Este rio, que é o mais legítimo dos rios sergipenses, por isso que corta de noroeste a leste o territorio do Estado—é um rio de planicie, cursando um valle adulto, e entrecortado aos verões, correndo apenas quadrosos aos invernos. De commum, scruente na altura do porto de S. Gonçalo, onde recebe o Jacaracica, é constante e forte.

Sendo complemento da geographia antiga do Cotinguiba sua chronologia, mester se impõe falermos algo a respeito da historia da fundação da cidade sede da Capitania de Sergipe d'El Rey.

Como ao tempo da conquista de Sergipe não fosse conhecido dos que dominavam o paiz aquillo que constitua e constitue o chamado reconcavo da Cotinguiba, temos que as preferencias quanto á barra que dá escoadouro aos productos da zona em questão a denominavam- barra do rio Sergipe.

Sinão vejamos o que diz frei Jaboatam, no Novo Orbe Seraphico, pagina 129, Estancia VIII;

#### «DA CAPITANIA DE SERGIPE DEL REI

114. Este Real distinctivo bem mostra ser o proprio monarcha, o que mandou fundar esta Capitania, sendo o de Seregippe, nome do Rio, junto á barra do qual teve a sua primeira situação, em altura de onze grãos e meyo, para a parte do sul. O Author da America Portugueza, a quem ex-professo tocava dar noticias mais individuaes das fundações, e principios destas Capitancias, ou Provincias, como a elle intitula, e sobre as quizes se funda a machina da sua obra, passou por esta, como por to as, mais que abbreviado. Nós, porem, que temos de sejo de deixar satisfeita a curiosidade dos leytores de tudo aquillo, que se pôde, e he necessario saber para cabal intelligencia do que escrevemos, não deixamos perder diligencia que fosse possivel por nossa pessoa, correndo os Conventos todos da Provincia, desde a Bahia até a Paraíba, e as Capitania deste continente; e o que não pudemos averiguar por Nós, e carregamos a sujeitos idoneos, e inclinados a esta especie, com as de que agora tratamos ao P. Pregador Fr. Antonio de Naza eth, natural do mesmo Paiz. Religioso antigo, versado na historia, e grande indagador destas antiguidades, que nos mandou as noticias, que aqui ajuntamos tiradas de escrituras de doações, dadas e cismarias daquellas terras; feitas pelos Governadores a particulares pessoas para a fundação, e progresso desta Capitania, que teve o seu principio como agora diremos:

115. Por morte de Manoel Telles Barretto, Governador da Bahia, que succedeo no anno de

1587. ficou substituindo as suas vezes, e m o B's-po D. Antonio Barreiros, o Provedor Mór da Fazenda, Cristovão de Barros, por carta del Rey, que então era Philippe I em Portugal. A este Monarcha se havia representado o grande damno, que o Gentic da terra unido com os Francezes, causavam poraquellas Costas, Rios, e districtos de Sergippe, embaraçando o poder se situar aquelle terreno, e ordenou o Monarcha a Christov de Barão-ros fosse, ou mandasse áque'la Conquista. Não consta dos livros da Camara da mesma Cidade o anno desta expedição.

Mas de hum antigo de cismarias, que toca os ausentes. em o num. 40 se achão certos fundamentos, dos quaes se pode colligir tudo o que necessitamos, para estabilidade dos tres pontos que se devem a eriguar, e vein a ser : Qu m foy o Conquistador, e Fundador desta Capitania, em que anno lhe deo principio, quando, e porque Rey constiuida em Cidade.

116. Consta deste livro por cartas de cismarias feitas desde o anno de 1599 até o de 1604, que fora Christovão de Barros o seu Conquistador e o que a fundou sendo Governador da Bahia ; por quanto nas ditas cartas passadas, huma a João Dias, outra a Manoel da Fonseca, a terceira a João Philippe, a quarta a Diogo Lopes Ulhoa, e a quinta ao Alcaide Mór da Bahia Duarte Muniz Barretto, allegaõ estes, para seu requerimento, vieraõ em companhia do Governador Christovão de Barros a ganhar a terra ao Gentic, e Francezes. E assim, sempre foy, e ha tradição constante passada de huns a outros nesta Capitania, ser elle o Conquistador, Povoador, e Fundador da Cidade de Sergipe del Rey, e que em obsequio do Santo do seu nome o dera á nova Cidade, chamando-se de S. Christovão. E que nesta Conquista lhe desse principio, ou nos fins do anno de 1589 ou por todo o de 1590, tambem se colhe de outras duas petições feitas por Manoel Andre, sobre as mesmas datas de hu na 25 de Janeiro de 1600, outra de 19 de Janeiro de 1602 dizendo na

primeira, que hia em dez annos, que estava servindo contra o Gento e Francezes; e na segunda, que havia tres annos que esta Capitania fora tomada aos inimigos; e feita conta, ou por lizima, ou por outra, sempre fca senda o primeiro anno da sua conquista, ou o de 1589, e mais cerca o de 1590.

117. Por outra pefiçaõ feita em 1603 ao que governava a Capitania, se vem a entender tambem o anno, com pouca differença, em que foy elevada à honra de Cidade. He a seguinte: Diz o *Juz Vereadores, e Procurador do Conselho nesta Capitania de Sergipe del Rey*, que o *Dezemborgador Gaspar de Figueiredo Homem* veyo a esta Capitania, *sete, ou oito annos, e a requirimento do p-vo assentou com os moradores e capitão de mudar a Cidade que no tal tempo estava no Aracajú e que se situasse neste outeiro, onde logo se passou a Igreja e Forte. Do que se seguo (diminuidos sete ou oito annos do de 1603) que já em o de 1595 ou 96 havia titulo de Cidade na primeira povoação do Aracajú; e assim tambem que nos tres, ou quatro, que cerrem de 1591 até 96 foy sublinhada a Cidade e que o lugar da sua primeira situação foy nomeado de Aracajú, dominando Portugal Philippe II de Castella, e primeiro neste Reyno.*

118. Concorda com esta escriptura, e tudo o mais, o manuscrito de certo curioso dirigente investigador das antiguidades Brasilicas, no qual diz assim, fallando das succedidas nesta, em que tratamos: *Veyo Christovão de Barros a conquistar esta Capitania passou o Vazabarris onde chamaõ a passagem Velha e atacando a Aldeia Mhapeca sita na vargz desta Cidade e defendida do forte, e dobrada estacada, abaleo com artilheria, e a ganhou, depois de rijo combite. Depois desta victoria continuaraõ os nossos a conquista do Paiz, que estava povoado de muitas Aldeas, que todas deixaraõ os Indios, fugindo para o sertão. Desoccupada a terra de barbaros, fundou Christovão de Barros a cidade, tanto do Rio Sergipe perto da barra, com o nome de S. Christovão, do qual s'io mudrão os moradores para a barra do Poim em hum outeiro escalvado, e por caperi-*

*mentarem ser o lugar insufficiente, a trasladaraõ para este, onde hoje está.*

119. Desto manuscrito, e ultima petiçaõ acima — se vê haver tido a Cidade duas mudanças huma do Aracajú para a barra do Poxim, outra daqui para onde existe agora. Mas em qualquer dos tres sitios, sempre com pouco acertada eleiçaõ. Aracajú, he huma porçaõ de terra de lagoa e meya em diametro, entre o Rio Poxim Grande, ao Sul, e o Seregippe ao Norte, quando neste, antes de chegar ao mar, entra, e faz barra aquelle, ficando cercada esta barra a modo de Isthmo, por estes Rios, quando se vão a unir hum com outro, e pelo Levante e mais largo, rodeado de um grande, e innadeavel alagadiço, que começando das Ribeiras do Poxim, e formando hums Apectus muy esparcelados, deixa algum terreno livre para as margens do Seregippe, abundantes de Salinas das quaes se provê toda a Capitania e algumas visinhas em necessidade.

120. Desta quasi Peninsula se passou a cidade para a outra parte do Rio Poxim, entre a barra, que faz este quando entra no de Seregippe, e a Costa do mar, em hum outeiro escavado, como fiz a memoria, que alli se levanta, e se pôs neste lugar só pela conveniencia, de que por alto, o emirante se poderãõ ver delle as duas barras de Seregippe, e Vasa-barris, e servir a Cidade de Atalaya para vigiar inimigos, que por ellas podião entrar; e assim cessando a invasãõ destes se transportou para o terreno, em que hoje se vê. Está situada ao presente sobre a planicie de um alto, e mais chegada ás margens do Vasa-barris, do que ás do Rio Seregippe, distando destes algumas cinco legoas, e só duas do outro, e quatro, ou cinco da costa do mar. No anno de 1637 foy tomada, e fortalecida pelos Hollandezes nas guerras de Pernambuco, e a poucos mezes queimada pelos nesses no de 1638.

Carta de 2 de Julho de 1601: 'Sabam quantos esta carta de sesmaria deste dia pera sempre virem que no anno do nascimento de nosso snor,

jus xro de 1601 aos 7 de Maio da dita éra nesta  
 cidade de S. Christovam Capitania de que é capitão  
 e governador locotenente Manoel de Miranda Bar-  
 bosa governador geral de todo este estado do Bra-  
 sil nas p usadas de mim escrivão ao diante nome-  
 ado por despacho ao pé della do dito sr. Capitão e  
 Governador da coal petição e despacho o treslado  
 de verbo adverbo é o seguinte: dis gaspar de me-  
 nes morador nesta ca itania que elle está povoando  
 cõ sua mulher e familia e lhe são dados terras onde  
 targa suas creações e ora JUNTO AO RIO DE SERGI-  
 PE estão uns sobeios de terra que podem ser meia  
 llogoa de terra em coadro pouquo mais ou menos os  
 quois sobeios estão entre a data de antonio vas de  
 jabotão e a data de tome da Rocha e gaspar de fi-  
 gere'o..... DO DITO RIO DE SERGIPE PARA AO  
 RIO *Ipochi* pede a vossa merse lhe de os ditos so-  
 beios de terra em dou ao sopricante em nome de sua  
 magestade de sesmari: os sobeios que pede não es-  
 tando dados serégipe sete de maio de 1601 o ca-  
 pitão locotenente m. m. b.»

“Carta de 5 de Agosto de 1603. “Saibam etc.  
 dizem os padres de são bento convento da baía que  
 eles querem novamente nesta cidade hordenar huma  
 casa de sua ordem e para beneficio do sus aumen-  
 to delli e dos religiosos que nesta cidade e mos-  
 teiro assistrem tem necessidade de teras em que  
 pessam llanar mantimentos canas e o mai que lhe  
 for nesesario e nesta capitania ha muitas teras que  
 estão devollutas e por cult var pede a Vm. que em  
 nome de sua mag. lhas de pera o dito convento tres  
 llogoas de teras em coadro no rio de *cotandiba* da  
 banda do noroeste a quill se comesara na testada  
 de uma dala de terra que foi dada a anton o fer-  
 nandes de serégipe do comde corendo ao neroeste  
 a quall terra pedem por devolluta com todas as a-  
 guas mat s pistos madeiras e o que mais nella au-  
 ver e scado dada cerera para a banda do norte PERA  
 O RIO DE SERGIPE ao llongua de... alhures corendo  
 a coadro rumo direito E em—Dou aos sopricantes

em nome de sua mag. na testada que pedem pello rio de cotindiba hũa legoa de tera em coadro e m as llenhas e matos e ribeiros que dentro della ouver não sendo dada e sendo ira tomando pello dito rio as ma donde não foi dado a quall dada lhez dou com confisaõ que dentro em hum ano venhaõ cultivar e fazer na sidade o seu mosteiro que sera no asento que para isso se ordenar e disto lhe dar sua carta seregipe a vinte e sinquo dagosto de 1603 —o capitão tomé da Rocha”.

Carta de 24 de Dezembro de 1602 “Saibaõ etc. D’z antonio guedes estamte nesta capitania de seregipe que helle tem nella muita copia de guado com sua gente he de nouvo trouxe omes he escravos para fazer jazida he porque não tem teras em que possa prantar canaveais em caso que na tera sã taça eugenho he mantimentos he allgodois de que muita esperam faze em vallia he nos llimites da barra do rio quatindiba da banda do norte corendo pello rio de seregipe asima estam teras davalluto he por aproveitar as coais helle sopricante quer povoar e pede a a Vm. de sesmaria he por devalluto duas legoas de tera em coadro comeseando a medir DA BARRA DO QUATINDIBA ASIMA corendo pelo dito rio asima da banda do norte rumo d reito resalvando pontas esteiros enseadas que ouver as coais pontas tambem pede e intestar com o DITO SEREGIPE que tambem corera da mesma manejra com todas as agoas madejras ribejros matos que nellas ouver E m —Dou em nome de sua magestade ao sopricante na parte que pede hũa legoã de tera em coadro medida como pede com decllarasam que fasa benfe torias h povoe a dita tera em seis meses e não o fazendo se dara por devalluto a quem a quizer povoar seregipe a vinte e quatro de dezembro de 1602—o capitão cosme Barbosa.

Carta de 14 de setembro de 1603: “S ibam etc. Dis rodrigo do Rocha peixoto que elle serve a sua

magestade nesta capitania de sergipe dallferes e provedor de sua fazenda a hum anno e não tem terras onde possa fazer sesarias de legumes e criscois e mais couzas e ora nos LLEMITES DA BARRA DO RIO *catindiba* DA BANDA DO NORTE CORENDO PELLO RIO SEREPIE ASIMA foi dada hua dada de sesaria pelo capitão cosine barboza de hua legoa em coadro a antonio gedes morador na bua com condicaõ dentro em certo tempo a coal não comprio he pasado o mais de hua. pede av. merse lhe fasa merse da oita legoa em coadro visto não a ter povoada em nome de sua magestade Dou ao soplecante em nome de sua magestade por devolluto a terra que pede e della lhe passo carta sergipe quatorze de setembro de 1613 o capitão thome da rocha".

Carta de 9 de Setembro de 1606. Saibaõ etc. Diz Luiz alvares morador nesta quap tanyã que nas cabeceyras de amique fernandes mendes e testadas de gonsalo de Souza que HE JUNTO DO RYO DE SERGIPE DA BANDA DO NORTE CORENDO PERA O RIO e estam ahi terras devalluto sem serem coltivadas de branquos e elle soplecante esta povoando com sua molher e filhos com suas criscois ordinarias fazendo suas lavroiras de que pagua dizimo e extensa os dizmos de sua magestade pede a v. merse que nas ditas quabeceiras corendo pella testadas do dito gonsalo de souza para banda do norte e pede em nome de sua magestade legoa e meya de terra em quadro com todos os matos e mays pertences que nella ouver no que resebera merse. Dou ao soplecoante em nome de sua magestade hua legoa de terra na parte que pede e em sua ptiisam dis e sendo dada corera adiante sergipe a nove de setembro de seiscentos e seis anos o capitam mor N colaõ F. Va e concello".

Carta de 18 de Agosto de 1623: "Saibaõ etc. Diz antonio dazevedo que a muitos annos que he morador desta capitania cazado com molher he filhos he não tem bastantes para se se agazalhar he trazer suas criscois NO RIO DE SERGIPE DA BANDA DO SUL estão terras devalluto pede a v. merse de hua legoa de terra AO LONGUO DO DITO RIO se comesara a medir da para.

ge nova do seu cural dd boja meja pera baixa e meja pera sima he de larguo ATÉ OS OUTEIROS E SERAS QUE COREM AO LONGUO DO DITO RIO auguoaas vertentes pera elle e pede mais todas as ilhas de mato he m ngues e mais cousas que OUVIR NO RIO DO ARAGUAJU COTENDIBA SERGIPE E GUANHAMO ROBA e tera que pede em sua petissoo visto que allegu a qual tera lhe dou em nome de sua magestade. S. Christovão a dezto de agosto de seiscentos e vinte e tres anos—João Mendes”.

Rios são os de definição historica perfeitamente, ineconfundivelmente clara, não admittindo sophismas nem duvidas quanto á posição geographica, o valor de sua acção geologica, sua navegabilidade, conhecimento que dambos tinham os antigos, importancia das respectivas bacias, attenção que mereceram fundação das povoações, na evolução dos districtos para freguezias, das freguezias para as villas, e destas para os actuaes municipios, conhecendo que o habito dos colonizadores foi sempre a divisão das terras pelos rios reaes e pelas estradas reaes, terras e pontos inequívocos com o declarado intuito de collocarem as lindas de cada unidade a cavalleiro de difficuldades para o exercicio de sua jurisdicção.

Desconhecida pelos portuguezes a região da Contingibi, que, entretanto, já vinha sendo percorrida pelos francezes, que negociavam largamente com os indigenas, vadeando seus rios e explorando lentamente a terra; ouvindo do natural o nome de rio; examinando o estuario de Sergipe, como cumpria fazer a quem era navegante e se encontrava em guerra, como a gente de Christovam de Barros,—logico se tornava que o arraial fundado para séde da Capitania tivesse o nome ligado ao grande curso d'agua a cuja margem se estabelecia.

Dahi a denominação de S. Christovam de Sergipe d'El Rey que acompanhou a cidade séde até o local em que a foi destituida a audacia patriotica de Ignacio Barbosa. Demais, é visivel que, não tendo o indigena a noção do que fosse barra, elemento que somente o civilizado, que praticava a larga navegação oceanica ou

interfluvial, indo além da leve píroga do genio—poderia ter em conta; somente o civilizado denominaria a barra, e eis porque os francezes e seus seguidores, procurando o curso do rio maior, deram, então, o nome á barra que é sua, e os portuguezes o ligaram á denominação da localidade que, em dia incerto ainda para nosso conhecimento, fundaram para sede do governo de Thomé da Rocha.

Transportado das proximidades do Poxim Assu, junto á barra do rio Sergipe, para o outeiro á margem do Pitanga, em 1603, ainda o arrabal, então tornado cidade, conservou seu nome que, mais tarde, com a segunda mudança, veio a assignalar com uma synthese pratica, todo o territorio povoado, pois que a freguezia de Sergipe era, no seu caracter de capital, monopolizadora das communicações com o restante da Capitania.

S. Christovam e Sergipe foram synonymo: durante largo tempo, razão pela qual se tem lobrigado alguma confusão no tocante á questão dos limites de Sergipe e Bahia, visto que espiritos chececados têm feito francas tentativas em equiparar o nome parcial ao designativo geral da Capitania, embora tivesse sido este uma prolação daquelle.

O mais autorizados escriptores, os mais aproximados do tempo da colonização e da conquista consignam sempre que a povoação fundada em 1590 por Christovam de Barros para servir de sede á administração da Capitania, localizava-se proxima á barra do rio Sergipe.

Não cabendo aqui, porque outro nos seja o caracter da demonstração a que nos propomos—; definir ponto em que se estabeleceu o povoado de S. Christovam, distinguido pela pela ermida de Santo Antonio de Aracaju, assignalamos, entretanto, que nenhum auctor contemporaneo á fundação chamou a barra do *Cotinguiba* á barra do rio Sergipe. Mesmo porque, sobrelevando ao valor do pequeno rio que nasce nas terras do engenho Ca'uz o grande curso daqua que banha Aracaju não pode ser confundido com esse, absolutamente.

Fr. Vicente do Salvador, cujas palavras muito am-

plas não são a respeito da fundação, assim se exprime com sua circumspecção e auctoridade :—

“Está Cerigippe na altura de onze grãos e dois terços, por cuja barra com os bateis diante costumavam entrar os francezes com uaus de mais de cem toneladas e vinham acabar de carregar da barra para fôra, por ella não ter mais de tres braças de baixamar”. (H. do Brasil, nova ed. rev. por Capistrano de Abreu, Cap. vigesimo, pag. 336)

“No mar tiveram uma uma grande tormenta (o capitão-mór Francisco Nunes Marinho e o capitão Antonio Carneiro Fleto com dois caravellões e trinta soldados) que os obrigou a entrar no rio de Sergipe del-rei, com vergas e mastros quebrados” etc. (Ib. cap. trigesimo, pag 338).

Não havia uma referencia ao rio Cotinguiba, cujo valor apenas se conheceu quando a colonização estendeu-se até a região que elle irriga—a mais fertil e desbravada do territorio.

Como, deante das informações que se têm, o francez cursava os rios fazendo o commercio com os indigenas, e, ao mesmo tempo, estabelecendo fortificações, o que motivou sua expulsão delles pelos portuguezes conveniente sera, para melhor asseguração das opiniões que expendemos, a consulta aos documentos francezes a respeito dos primeiras installações no Brasil e consequentes.

Le Pere M. Coronelli, em seu mappa de 1688, nr. 82 da collecção do Barão do Rio Branco, marca no litoral da “Capitania de Pernambuco”, a qual vem, não obstante, dividida pelo rio S. Francisco, alem deste rio, a que tambem chama Piapitinga, mas isso: *R. Sergippe, R. Vazabares*, pontos seus mais conhecidos, sem duvida alguma, e não faz menção do Cotinguiba Guillaume de L’Isle, mappa de 1703, n. 89 da coll. Rio Branco, menciona na Capitania de Sergippe: *R. S. Francisco, F. Guaratiba, Sergippe R, R. de Vazabaris, Rio Real*”, não incluindo entre estes o rio Cotinguiba, que, ao ter a importancia historica precisa para formar tradição, deveria ser, logo de começo, citado por todos.

Si nos reportamos a cartas anteriores ao feito de Christovam de Barros, temos a de Jan Van Doet, de 1585, em que se lê o seguinte :—R. de S. Francisco, Bazaharis, *R. da Saruzipe* R. das Canafittolas, R. Real", donde resalta que o rio conhecido dos primitivos frequentadores da região era o Sergipe, desaguando no Atlantico, e não o Cotinguiba.

Matth Sentterum, em sua carta de 1720 publicada pelo dr. Rocha Pombo, aponta assim : Rio S. Francisco e dos Passaros, Rio Liguapatibáy (!) *Rio Seregippe del Reg.*, Rio Vazarbarries, Costa de Vazarbarries, Rio Real.

"A carta portugueza", reproduzida da de 1749 em 1751, menciona isso : R. de S. Francisco *R. da Cotinguiba* (desembocando perto do desaguadouro do Japarátuba) *R. Serepige.* R. Real".

A carta adaptada de Barloeus, que não tem data, mas, segundo a opinião abalisada do eminente historiador e chronographo sergipano general Ivo do Prado, é muito antiga, insere os dois rios separados, occupando seus proprios logares, alem de traçar limites ao que talvez se considerasse ao tempo como sendo a região da Cotinguiba, tendo ao norte Cirigi R.; ao Sul, Cotingoiba R.; a léste o estuario a cuja bocca está a designação—Cirigi; ao oeste, uma serie de pontos partindo da Comendaroba a encontrar um local proximo a Canabrava, no Sergipe.

As cartas publicadas no seculo passado, dão pouco caso ao Cotinguiba, mencionando-o algumas, como um pequeno rio, outras fazendo-o desaguar no ponto onde effectivamente desagua o Japarátuba.

Brulé, em 1626, destaca os dois rios : Cotinguiba e Sergipe, trocando, porém as respectivas posições.

A carta geographica da provincia da Bahia mandada levantar pelo dr. Francisco de Souza Martins, por sua vez consigna os rios Cotinguiba e Sergipe em suas respectivas posições, denominando "barra da Cotinguiba" ao desaguadouro do Sergipe, mas não a chama barra do Cotinguiba.

Uma outra carta existente na 3ª. sec. do E. M. do Exercito, adaptação da referida de Barloeus, aponta

separados os rios, mas denomina Cirigi ao estuário.

O visconde Villers, em sua carta de 1848, confundeu os dois nomes traçando o curso do Sergipe e a bocca escrevendo *R. Cotinguiba*.

O Mappa Topographico da Provincia de Sergipe del Rey (classe 2a nr. 12 da 3a, sec. do E. M. do Exercito, posterior distincção historica da região da Cotinguiba), posterior mesmo ao anno de 1825, descreve as freguesias, as missões e as aldeias por isso que é de caracter a servir ao descrime religioso, podendo offerecer um conhecimento seguro da expansão da população, e apresenta:—Freguezia de Villa Nova, Freguezia de Santo Amaro, Freguezia de Sergipe, Freguezia de Sta. Luzia, a léste; Freg. da D. Pastoura, *Freguezia da Cotinguiba*, entre o littoral e o centro; Freguezia do Propriá, ao norte; Freguezia da Japarutuba, Freguezia da Itabayanna, Freguezia do Lagarto, ao centro; Freguezia de N. S. dos Campos do Rio Real.

Como vemos, estão allí definidos os traçados das freguezias, destacando-se que a da *Cotinguiba* assim se limitava:—ao N e ao NO, uma linha, de convenção; a NE e a E, "o rio Seregippe" a O, SO e S, o R. Poxim-mirim; a SE o estuário. Ao fim do estuário, a legenda—Barra da Cotinguiba.

Deste mappase depreheende que ainda não tinha, a esse tempo, o rio Cotinguiba a influencia que se lhe attribue, nem a importancia que se lhe deu depois, visto que não era nem mencionado; o limite da freguezia era, ao sul, oeste e sudoeste o Poxim-mirim, a que se emprestava maior attenção, talvez pela razão de terem sido vizinhas suas duas primeiras localizações da capital.

Somente em 1697 a 20 de Outubro baixara d. João de Lancastre portaria ao ouvidor e provedor de Sergipe, dr. Diogo Pacheco de Carvalho, referindo-se ao rio Cotinguiba (fundação de Larangeiras) portaria que aqui transcrevemos:

"tanto que Vmce. receber esta, vá logo ao lugar denominado da Itabayana e Lagarto a formar duas villas, escolhendo para isso os sítios mais acomodados e fazendo com que os moradores dessa Capitania queiram

fazer a casa da Camara e cadeia a sua custa.

“É porque me dizem que no porto da Cotinguiba se pode fazer uma villa, V. M. mandará chamar a casa da camara dessa cidade os officiaes della com as principaes pessoas desse povo para que com toda ponderação vejam se o dito porto é capaz de formar-se nella a dita villa ou si ha mais logares no districto da jurisdicção dessa capital em que se formem outras.”

Conclue-se desse documento que a região era conhecida, havendo um porto digno de ser mudado em villa, porto este no rio Cotinguiba, além de ser sabido que o conhecimento official do rio Cotinguiba data de 1673, epocha da criação do districto militar.

Vem em retorcço da affirmacção de que o rio Sergipe era o mais notado dos antigos, a seguinte descripção feita pelos camaristas de Itabaiana, ao dr. Miguel Ayres Lobo de Carvalho, ouvidor da comarea, a respeito da situação da villa e do seu districto :

«Sr. Dr. Ouvidor. — Enviamos a V. Mee. junto as copias que ficam registradas no livro dos registros da Camara na forma que V. Mee. nos ordena.

«Esta villa de Santo Antonio e Almas de Itabaiana está edificada em uma grande planicie, uma legua distante da serra do mesmo nome e seu termo continua com o da villa do Lagarto para o occidente e oliv de pelo Vasabarris, pouco abundante de aguas correntes o qual tem o seu nascente no sertão da freguesia de S. João de Geremoabo, da parte do nascente confina com o districto da villa de S. Amaro pelo rio Sergipe, que não tem aguas senão as que recebe das chuvas no inverno (!) e só neste tempo corre ; para parte do sul confina com o termo da cidade de Sergipe d'El'Rei sua capital da qual dista 10 leguas e a mesma d'stancia ha desta villa do Lagarto e a de S. Amaro ; para o sertão confina com a terras do sertão do Geremoabo e para esta parte corre um pequeno riacho chamado Jacoca que termina seu curso no Vasabarris; ha mais outro riacho Jacarec es que tem seu nascimento no termo desta villa e atrave san'o muitas partes do seu continente se mette o seu curso no rio de Sergipe e não ha ne-

«hum outro rio navegavel neste districto.

«Deus guarde V. M. muitos annos. Em camera da villa de Itabaiana, 30 de Janeiro de 1757. Eu Gonçalo Pedreira de Vasconcellos escrivão de «Camara o subscrevi. O Juiz Antonio Machado de «Mendonça, João Paes da Costa, Nicoláo Machado, «Custodio Pereirade Abreo, Carlos Francisco da Cruz».

Ora, sendo os limites da villa de Itabaiana; ao norte, o districto da villa de Santo Amaro e ao sul o de S. Christovam, é claro que o rio que divide então Santo Amaro de Itabaiana, continuava sendo chamado rio Sergipe, pois que entre os districtos de Santo Amaro, Itabaiana (comprehendendo a Cotinguiba) e S. Christovam, só havia o Sergipe até o seu desaguadouro no Atlantico.

O padre João Cardoso de Souza, vigario da freguezia de Jesus Maria José e S. Gonçalo do Pé do Banco, escrevia em 1759, uma relação dos logares, povoações e rios de sua parochia, assim exprimindo.

«Divide se esta Freguezia do Pé do Banco das «Freguezias de N. S. do Soccorro da Cotinguiba, e «Santo Antonio e Alas de Itabayana com o Rio de «Sergipe, e das Freguezias da vila nova Real d'El «Rey, e de Santo Antonio do Urubu de baixo, com «o Rio chamado J. paratuba meirim. O Rio de Ser- «gipe tem seu principio no Cerião de Porto da Folha, «entre o rio S. Francisco e Garemoado, e daqui «corre pela mayor parte para o Sueste e sul por es- «paço de mais de vinte e cinco legoas: tambem «seca do seo principio athe onde recebe as aguas do «rio Jacaracasa, sendo o verão rigorozo do Sol: vazio «terá duas braças de largo athe a dita Jacaracasa, e «dahi para baixo vae alargando mais e chega a mais «athe a passagem de S. Gonçalo, que he onde se «encontra com o Jacaracasa e daqui *espaço de qua- «tro ou cinco legoas se encontra com o rio cotinguiba,* «onde perde o nome. Dahi para cima distancia «de uma legoa se acha a barra do rio Ganhamo- «roba; este tem seo principio e nascimento para «a parte do Norte em hus oiteiros, ou serras pe- «quenas, que lhe chamão ladeira grande, corre para

«a parte do Sul por huas fragosas matas athe chegar  
 «a lugar chamado Maronhem, athe aqui com pouca  
 «abundancia de agoa, porque a sua largura não ex-  
 «cede de braça e meia: daqui para baixo comessa  
 «alargar, porque lhe entra a maré e agora salgada  
 «athé onde está o porto do Grajao, donde carregão  
 «os barcos, e daqui para baixo se fias mais espaçozo  
 «athe fazer barra no dito rio de Sergipe onde lhe  
 «chamão o Porto das redes e terá de distancia de seo  
 «nascimento athe a dita barra duas leguas e meya  
 «pouco mais ou menos.

Tornando ao rio de Sergipe, a chegar a dita barra Cotinguiba se acha com bastante largura, que passará de trezentas brassas: he navegavel entrão barcos por elle assima até espaço de tres legoas, ou duas e meya, onde vão carregar e lhe chamaõ o Porto dos barcos, e deste porto até a sobredita passage de S. Gonçalo andaõ lanxas e canoa somente. Do ajuntamento destes dous rios procede ambos perderem o nome e tomar o de mar por se achar com largura de setecentos, ou oitocentas brassas, e daqui vão pagar tributo ao Occeano, com duas legoas ou mais de distancia onde formaõ a barra chamada vulgarmente Cotinguiba, pela qual entãõ barcos de corenta até sincoenta caixas de assucar somente por não passar o fundo da dita barra de desaseis palmos a qual he de areia, e por isso sempre mudavel. Da barra para dentro distancia de huma legoa se aparta um rio ou brasso para a parte do Oriente chamado Pomonga, estese encaminha para Nordeste no mesmo paralelo da costa do mar, distante da dita costa huma legoa e se acha em hus apicus chamado do corralinho, tem de distancia de onde se aparta o mar da Cotinguiba sinco legoas pouco mais ou menos.»

Enpregando sempre a designação—da Cotinguiba, unica que se encontra nos documentos antigos, vem ainda a «Noticia sobre a Freguezia de Nossa Senhora do Soccorro da Cotinguiba no Arcebisado da Bahia, pelo Vigario José de Souza, 1759.

Está esta freguezia de Nossa Senhora do Soccorro da Cotinguiba povoada entre o rio do Poxim

mirim e o rio de Sergipe que ajuntando-se hum com outro surgem ao mar pela mesma barra e logo na barra se aporta o Poxim Mirim buscando o poente e fica ao sul da freguezia de Nossa Senhora da Victoria da cidade de Serezipe ; e o rio de Sergipe buscando entre o norte e poente a divide da freguezia de Jesus Maria José do pé do banco, e ambos estes rios tem os seus nascimentos junto ás serras da Itabayana. Huma legoa da barra para cima correm juntos o rio do rio Cotinguiba, ficando o de Sergipe da parte do norte ; e medindo a freguezia tem o seu nascimento o rio Cotinguiba das mesmas serras da Itabayana. Ambos são navegaveis até duas legoas o de Sergipe tiez o do Poxim menos de legoa. Não tem a freguezia povoações juntas como villa : porem he povoada toda de varias fazendas apartadas huas das outras.



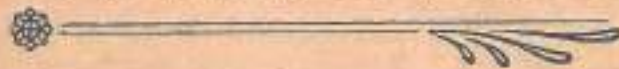
PRESIDENTE DO ESTADO



DR. GRACCHO CARDOSO



## O GOVERNO DE SERGIPE



O Instituto Historico e Geographico de Sergipe, associação de sciencia e de cultura, sem nenhuma intensão de partidarismo vesgo, tendo as suas vistas melhormente voltadas para o patrimonio moral que nos legaram os nossos maiores, isto è, para os honrosos feitos e as genuinas tradições desta terra, para os pontos resplandecentes que, de um passado digno, illuminam ainda intensamente os dias presentes — não pôde tambem quedar-se alheio ás realizações, e aos emprehendimentos da epocha actual, que virão por igual a ser, no futuro, um brilhante passado da nossa vida administrativa.

Abre se, assim, espaço aqui, como um depoimento contemporaneo, para alguns conceitos, não ineditos, mas certamente justos, em torno do primeiro magistrado de Sergipe e sobre a sua fecunda actuação governamental, norteada por nobres impulsos civilizadores e progressistas.

..

«O humilde Sergipe, como outros Estados, no transcurso da vida brasileira, tem tido no actual regimen, bons e mãos governos. Aquelles, por um acaso feliz ; estes, para não desmentir a regra da imperfectibilidade humana e os vicios e defeitos da politica...

Com uma educação cívica ainda incompleta, o nosso povo, aqui como allures, não tem, pe a ausência de instrução, bastante desenvolvido o sentimento da causa pública. Essa circumstancia o inlube de escolher os seus dirigentes: por que nã o sabe ou não o pode querer.

De sorte que, nas varias fracções federativas em que se divide o paiz, o processo eleitoral de se fazer presidentes e governadores, não attinzaquelle grão de verdade e de emanação da vontade popular, que fôra desejavel na Republica.

D'ahi nada haver de inuirioso assignalar-se, com franqueza, a existencia dos bons e dos máos governos e, principalmente reconhecer-se serem aquellos tractos excepçoes que um imprevisto amavel faz surdir, no pmar abstruso da politica, para a felicidade do povo. »

«Trabalhador infatigavel, dotado de uma surprehendente capacidade realizadora, como de sobejo o attestam os innumerados melhoramentos que ha semeado por todo Sergipe—o Dr. Graccho Cardoso, bem se revela, no seu programma de governo, na sua fé inabalavel pela melhora dos nossos destinos regionaes, um filho dilecto do terrão sergipano constantemente a elle voltado—vae para mais de 10 annos—ao seu desenvolvimento entregue, com sadio optimismo, em trabalhos proficuos e patrióticos.

O illustre patricio, que ingressou na carreira publica longe do rincão natal, nella vencendo a golpes de talento e de operosidade, teve sempre no entanto as suas sympathias, os seus anhelos e as suas attenções para aqui attrahidas—quando, mesmo da liderança da bancada cearense, na Camara Federal, desenvolvia a mesma energia e actividade em prol do seu engrandecimento, amparando com carinho as medidas legislativas que lhe pudessem servir ao progresso e ao engrandecimento.

Se não desfructou Sergipe, porém, as primicias da sua mocidade ardorosa e combativa, conta agora com a explenlida maturidade do seu espirito, forrado de experiencia e de cautela, a desentranhar-se quasi quotidianamente em objectivos, em propósitos e iniciativas fructescentes, que estão fazendo a prosperidade e o surto animador em que desabrocha, palpitante, o pequeno torrão nativo.

Essa serie esplendida de bellas creações, que se vem desenrolando, nestes tres annos de publica administração, toma uma tonalidade ainda mais fulgurante quando, para o jogo do claro-escuro, em que se ha esbater o quadro politico,—em a nossa democracia insipiente, cimentada em personalismos estreitos e não em formosas idealidades —não tem faltado a S. Exa. o cortejo lugubre das perfidias com que se procura toldar, para a visão serena do futuro, a claridade offuscante da vigente direcção governativa.

Persiste todavia, nos juizos insuspeitos, a convicção animadora de que, mesmo ahí, a logica da vida tra o seu desforço compensador. Entre as sombras com que os despeitados improductivos pretendem abafar o que aqui tem feito, em pról do seu berço, o actual Presidente do Estado, os actos do administrador rompem as caligenas torvas do odio e da malquerença e surgem mais alto, inconfundiveis, nem contraste victorioso, annullando toda a sorte de machinações rastejantes.»

...

«O governo do dr. Graccho Cardoso tem sido assim, como uma dessas arvores frondosas, nascidas por milagre num chão arenoso, as quaes protegem os viandantes com a sua sombra e permitem, ás populações, cansadas da longa viagem, um pouco de estímulo e de alegria, para continuar, pelo deserto quente, a sua intermina peregrinação.

Escrupulo rigoroso em tudo quanto diga respeito aos dinheiros publicos —porque antes de tudo

o actual Presidente é um homem honesto, cuja vida privada pôde estar aberta ao exame alheio—; alto espirito de tolerancia e de justiça, mesmo aos seus mais encarniçados adversarios; actividade proreiforme que se irradia em diversas direcções, beneficiando ao mesmo tempo differentes localidades do Estado; vontade emprehendedora e audaz, fortificada pela confiança no progresso da sua terra; sentimento agudo da transitoriedade das funcções, que lhe faz revestir os actos do governo de um criterio humano—punindo com brandura e premiando com equidade:—ahi estão algumas características do estadista, as linhas geraes do perfil politico do illustre sergipano.»

..

«Com essas qualidades e essas virtudes, a administração do Estado tinha de soffrer, ás mãos desse authentico homem de governo, um processo renovador.

O «interesse publico» passou a ser encarado como resultante natural de uma necessidade collectiva e não como derivativo de pretensões pessoais, sequiosas de um prestigio eleitoral, a custa do erario...

A vida politica e partidaria tornou-se mais amena e plida, respeitadas as opiniões dos adversarios de boa fé, e livre a capital e o interior do espectaculo degradante das perseguições policiaes, por gaudio de vinganças mesquinhas...

Cortes systematicos na burocracia dos «encostados», acabando de vez com a mentira dos orçamentos imaginarios — para que as finanças publicas pudessem ter um alento animador e permitissem a criação de serviços technicos indispensaveis, cuja realidade e exito já se denunciavam brilhantemente.

Emfim um programma administrativo consciente, de alguém com vocação para a difficil arte de dirigir, aperfeiçoada já em longos estagios—como

secretario da Fazenda, no Ceará e como secretario do Ministerio da Agricultura, no Rio—e nunca feito aos improvisos da nossa exdrixula Republica, que chega as vezes à ironia de collocar á frente dos governos homens de educação professional norteada para rumos bem diversos !...

Esses innovadores beneficios, tão escassos na vida politica de Sergipe, essa moralidade fecunda —todas essas circumstancias benemeritas é que fazem da administração actual uma honrosa e apreciavel excepção democratica.»





# INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO

DE

## SERGIPE

A ELEIÇÃO DA DIRECTORIA E COMMISSÕES  
PERMANENTES QUE TÊM DE  
GERIR OS DESTINOS DESTA INSTITUIÇÃO,  
DURANTE O BIENNIO DE 1925 A 1927,  
REALIZADA EM 30 DE  
AGOSTO DO CORRENTE, FOI A SEGUINTE:

### **DIRECTORIA**

Presidente . . .	Almirante Amyntas Jorge
1.º Vice Presidente .	Desembargador Evangelino de Faro
2.º Vice-Presidente .	Dr. Joaquim do Prado Sampaio
Secretario Geral .	Dr. Hunald Cardoso
1.º Secretario . . .	Dr. Nyceu Dantas
2.º . . . . .	Dr. Magalhães Carneiro
Orador . . . . .	Dr. Clodomir Silva
Thesoureiro . . . .	Dr. Edgar Coêlho

**COMISSÕES PERMANENTES****Commissão de Fazenda e Orçamento**

Coronel José da Silva Ribeiro  
 " João Ceciliano Andrade  
 " Guilhermino Rezende

**COMISSÃO DE HISTORIA**

Dr. Manoel dos Passos de Oliveira Telles  
 Dr. Elias do Rosario Montalvão  
 Professor Arthur Fortes

**COMISSÃO DE GEOGRAPHIA**

Dezembargador Liberio Monteiro  
 Professor Graça Leite  
 Dr. Florentino Menezes

**COMISSÃO DE MANUSCRIPTOS  
E AUTOGRAPHOS**

Dr. Monteiro de Almeida  
 Dr. Alcibiades Paes  
 Dr. Costa Filho

**COMISSÃO DE ADMISSÃO DE SOCIOS**

Dezembargador João Maynard  
 " Lupicino Barros  
 Dr. Francisco Travassos

**COMISSÃO DE REVISTA**

Dr. Nobre de Lacerda  
 Dr. Claudio Ganns  
 Major Epiphanyo Doria



## Almirante Amyntas Jorge

Ha individuos verdadeiramente irresistiveis : os poetas e os individualistas. Os primeiros criam um mundo, o mundo dos sonhos em que vivem ; os segundos, arrogam-se o poder de fazer o mundo á sua feição, verdade seja, quasi sempre como elle devia ser.

E' assim Amyntas Jorge.

Pensando que uma sociedade que se dedique ao estudo da historia e da geographia tem alta funcção social, entendeu que o Instituto Historico e Geographico de Sergipe deve resurgir, voltar á vida agora, após cinco annos de hibernação, e como a oliveira da Pallas, verde e luxuriante, surgir a nossos olhos sobre os escombros de uma natureza morta. E, como um principio querem as cousas, entendeu elle que o Instituto precisa falar e escrever ; falar por meio de seus oradores, jactando datas, citando acontecimentos, para glorificar homens e herões, factos e idéias em pró da justiça ; e escrever para, com pena irreverente contra os preconceitos, levantar bem alto e magestosa a cathedral da verdade historica.

Sim, muito bem.

Para atingir, porem, a semelhante resultado, nortear as forças de que dispõe o Instituto para tal fim, indispensavel se nos afigura a existencia do elemento que mantem as associações do genero — o espirito de associação, que, infelizmente, não possuímos ainda.

Em regra a Instituto só consegue reunir *quorum* para festejar datas nacionaes ou do Estado. Um estudo de conjuncto sobre o scenario onde o drama sergipano se vem representando, parece-nos que he tem sido defeso, como defesa se lhe tem afignado qualquer incursão nos dominios da nossa historia.

Da nossa historia, escrevemos nós e o disse-mos bem.

Possue em verdade Sergipe sua historia. Aqui, sobre seu territorio exíguo desenrolaram-se grandes acontecimentos do drama nacional; e d'aqui partiram gestos e protestos de valer pela liberdade das instituições patrias.

Agora mesmo, em formosa e brilhante synthese, mostrou-nos o que valem a nossa gente e a nossa terra o Sr. Lopes Gonçalves.

Defender o direito é defender a personalidade: disse—o notavel criminalista.

Ensinam tambem sociologos modernos que os povos devem pugnar pelo seu papel perante a historia, como condicção existencial.

Pois bem.

Que Amynthas Jorge faça, pela sua operosidade, o *milagre* de insufflar nova vida ao Instituto Historico e Geographico de Sergipe, taes são os nossos votos e mehores preces.

E' de um naturalista moderno que os ursos asiaticos escolhem para campo de combate o lugar onde morreram seus antepassados.

Se he ta nos parece divisar no facto um-quer que seja de homenagem á morte, porque não havemos de cerrar fileiras para homenagear a memoria de antepassados illustres que nos legaram esta terra e a sua historia, e cujas tradições gloriosas tanto se impõem á nossa estima e glorificação póstera?

PRADO SAMPAIO.

Dos «Factos e Ueias» da «A Cruzada».



## DOCUMENTOS INEDITOS DA BIBLIOTHECA PUBLICA (\*)

### Acta do Conselho de Governo da Provincia de Sergipe de 21 de Fe- vereiro de 1829.

(CI)

Aos 21 dias do mez de Fevereiro do anno de 1829  
8. da Independencia, e do Imperio, nesta Cidade de  
S. Christovão, Capital da Provincia de Sergipe d'El  
Rei, no Palacio do Governo, e Salla das Sessões :  
reunio-se o Exmo. Conselho, composto do Ilmo. e  
Emo. P. o Brigadeiro Ignacio Jozé Vicente da Fou-  
seca, e dos Ilmos. Conselheiros os Coronéis Manoel  
Ignacio da Silveira, Jozé Antonio Neves Horta, Jozé  
Rodrigues Dantas e Mello, o Capm.º Joaqm. Martins  
Fontes, o Tenente Coronel Vicente Luiz de Freitas  
Barretto, e os Advogados Manoel Vicente de Carvalho,  
e Aranha e *Ignacio Dias de Oliveira*.

Leo-se o Officio do Juiz, e Officios da Camara da  
Va. de Itabaiana, dattado de 8 do corrente : e o Exmo.  
P. de accordo com o Exmo. Conselho, resolveo se  
respondesse q' a Cadeira de Primeiras letras da dta.  
Va. está provida na pessoa de Antonio Correia de  
Araujo Cedro, q' sendo legalmte. habilitado, foi exa-  
minado, e approvado com grande louvor : e q' Azto.  
Soares da Silva se oppusera a Cadra. novamte. crea-  
da na Povoação de Simão Dias, naqual foi approvado  
com louvor, e q' nella vai provido. Do q' pa. constar

(\*) Esta publicação foi iniciada no «O Estado de Ser-  
gipe», então órgão official do Estado. Foi depois continua-  
da na Revista do Instituto Historico, agora suspensa.

se lavrou a presente Acta em q' assignação o Exmo. P. e Conselheiros, q' eu Jozè Pedro de Faria, Secro. do Govo. escrevi : ) Ignac'o Jozé da Fonseca.

*Manoel Igco. da Silveira.*

*José Anto. Neves Hortas.*

*Joaquim Martins Fontes.*

*Vicente Luiz de Freitas Barreto.*

*Mil. Vice. de Carvo. e Gra.*

**Acta do Conselho de Governo da Provincia de Sergipe de 5 de Março de 1829.**

(CII)

Aos 5 dias do mez de março do anno de 1829 8.<sup>ta</sup> da Independencia, e do Imperio, nesta Cidade de Sm. Christovão, Capital da Provincia de Sergipe d'ElRei, no Palacio do Governo, e Salla das Sessões : reunio se o Exmo. Conselho, composto do Illmo. e Exmo. P. o Brigadeiro Ignacio Jozé Vicente da Fonseca, e dos Illms. Conselheiros os Coronéis Jozé Rodrigo Dantas e Melto, Manoel Ignacio da Silveira, Jozé Antonio Neves Hortas, o Cap-mór. Joaquim Martins Fontes, o Tenente Coronel Vicente Luiz de Freitas Barretto, e os Advogados Manoel Vicente de Carvalho e Atanha e Ignacio Dias de Oliveira.

Appareceu o requerimento do P. M. Fico de Carvo. Professor de Gramática Latina da Va. de Proprihá, pedindo ser admittido a concurso na mma. Cadra., q' tem regido com Provisão temporaria : e q' apresentaria sua habilitação em tempo : foi admittido em termos, e q' comparecesse no dia 6 do corrente, ás 10 horas da manhã para ser publicamente examinado.

Foram lidos, e examinados, os requerimentos do Alfes. Paulo Ferreira de Andre., e do Capm. Doms. Fico. Soares, e a face da respta. deste, e o mais, q' aqle. Alfes. repetidas vezes tem mandado abrir contra as expressas ordens deste Govo. as qes. elle es-

candalosamente tem desobedeido: resolveo o Exmo. P. de accordo com o Exmo. Conso. que aqle. Alfes. fesse logo e logo chamado a Salla pa. ser reprehendido, e castigado pla. desobediencia, visto, q' com moderação já fora pr. outra vez advertido, e continuou nos seus excessos: e q' neste sentido se expedisse ordem ao Cap. mór da V. de Sto. Amaro.

Do q' pa. constar se lavrou a presente Acta, em q' assignação o Exmo. P. e Conselheiros, que eu Jozé Pedro de Faria, Secretario do Governo, escrevi,

*Ignacio Jozé Vicente da Fonseca,  
Manoel Iguaço, da Silveira,  
Jozé Antonio Neves Horta,  
Joaquim Martins Fontes,  
Vicente Luiz de Freitas Barreto,  
Mel. Vicente Carvo. e Ara.*

— — —

**Acta do Conselho de Governo da  
Provincia de Sergipe de 6 de Mar-  
ço de 1829**

(CIII)

AOS 6 de Março do anno de 1829, 8 da Independencia e do Imperio, nesta Cidade de Sm. Christovão, Capital da Provincia de Sergipe d'ElRei, no Palacio do Governo, e Salla das Sessões: reuniu se o Exmo. C., composto do Ilmos. e Exmo. P. o Brigadeiro Ignacio Jozé Vicente da Fonseca, e dos Ilmos. Conselheiros os Coroneis Jozé Rodrigues Dantas e Mello, Manoel Ignacio da Silveira, Jozé Antonio Neves Horta, o Cap. mór. Joaqui. Martins Fontes, o Tenente Coronel Vicente Luiz de Freitas Barretto, e os Advogados Mel. Vicente de Carvalho e Arauha e *Ignacio Dias de Oliveira.*

Foi publicamente examinado, e approvedo com louvor plos. respectivos. Examinadores o Pe. Mel. Frac. de Carvalho, q' se oppz a cebra. de Gramma-

tica Latina da V. de Propriá, sem opposição: e o Exmo. Pr. z. dente, de recorde com o Conso., resolveo, q' apresentando o d. Pe. certeza de ter jurado a Constituição Política do Imperio, Documto. comprobante da sua boa conta., ficasse provido na dita. Caura, com os mesmos vencimentos, que annualmente tem percebido no tpo. q' com Provizão temporaria a tem regido; e que se lhe desse o compte. Titulo para com elle procurar sua legal Nomeação. Do q' para constar se lavrou a prezente Acta, em q' assignarão o Exmo. P.. e Conselheiros, que eu Joze Pedro de Faria, Secretario do Governo escrevi /.

*Ignacio Jozé Vicente da Fonseca.*

*Manoel Ignacio da Silva.*

*Jozé Anto. Neves Horta.*

*Joaquim Martins Fontes.*

*Vicente Luiz de Freitas Barreto.*

*Mel. Vict. de Carvalho e Aranha.*

— — —

**Acta da Sessão do Conselho de  
Governo da provincia de Sergipe  
realisada em 12 de Março de 1829**

(CIV)

Aos 12 de Março do anno de 1829, s. da Independencia, e do Imperio, nesta Cidade de Sm. Christovão, Capital da Provincia de Sergipe d'ElRei, no Palacio do Governo, e Salla das Sessões: reunio-se o Exmo. Conselho, composto do Ilmo. e Exmo. P. o Brigadeiro Ignacio Jozé Vicente da Fonseca e dos Ilmos. Conselheiros os Coronéis Manoel Ignacio da Silveira, Jozé Anto. Neves Horta, o Cap-mór Joaqui. Martins Fontes, o Tenente-Coronel Vicente Luiz de Freitas Barreto, e os Advogados Manoel Vicente de Carvalho e Aranha, e *Ignacio Dias de Oliveira.*

Appareceo o requerimto. do Pe. Bernardino de Sena, Capellão da Capla. de N. S. da Boa hora do

Campo do Brito e de outros mtos. Cidadões daquelle lugar, instando pela criação de huma Cadra. de las. Letras na da. Capla. por ser lugar populoso, o que assim affirmu a respecta. Camara na sua informação de 28 de Fevo. q' acompanhou aqle. requerimto., a vista do q' o Exmo. P., de accordo com o Exmo. Conse. resolveo, q' se creasse huma Cadra. de las. letras na da. Capla. de N. S. da Boa hora do Campo do Brito, Termo. da V. de Itabaiana, a ql. Cadra. houve por creaca. e q' se respondesse a Camara neste sentido, pa. fazer publica a sua criação. Do q' pa. constar se lavrou a presente Acta, em q' assignação o Exmo. P. e Conselheiros, q' eu Jozé Pedro de Fria, Secretario do Governo, escrevi.

*Ignacio Jozé Vicente da Fonseca.*  
*Manoel Igaco. da Silva.*  
*Jozé Anto. Neves Horta*  
*Joaquim Martins Fontes.*  
*Vicente Luiz de Freitas Barreto.*  
*Mel. Victo. de Carvo, e Ara.*  
*Ignacio Dias de Oliveira.*

**Acta do Conselho de Governo  
da Provincia de Sergipe de 13 de  
Março de 1829**

(CV)

Aos 13 dias do mez de Março do anno de 1829, 8.ª da Independencia e do Imperio, nesta Cidade de Sm. Christovão, Capital da Provincia de Sergipe d'ElRei, no Palacio do Governo, e Salla das Sessões : reuniu-se o Exmo. Conselho, composto do Ilmo e Exmo. P. o Brigadeiro Ignacio Jozé Vicente da Fonseca, e dos Illms. Conselheiros os Coroneis Manoel Ignacio da Silveira, Jozé Antonio Neves Horta, Cap-mór Joaqm. Martins Fontes o Tenente-Coronel Vicente Luiz de Freitas Barreto, e os Advogados Manoel Vicente de Carvalho e Aranha, e *Ignacio Dias de Oliveira.*

Apresentou o Exmo. P. o Officio do Exmo. Vice Presidente Manoel de Deus Machado, dattado de 10 do corte, em respta. do q' em datta de 2 do mmo. lhe deuizis sobre o requerimento documentado dos Indios da Missão, de S. Feliz da Pacatuba, com as resptas. ou sem ellas, em conseqa. da requisicão do Exmo. Conselheiro Henrique Luiz d'Aro. Maciel, significando o Exmo. Vice P., q' aqle. requerimto. documentado fora remettido ao Cap-mór de Va. Na. elle, e o Sarg-mór d'Ords. da mma. Va., e Director dos Indios, q' então era o Coronel Bento de Mello Pera. e o Juiz Ordre. Anto. Jo. da Sa. Martins responderam por escripto o q' lhes conviesse; e q' depois de passados dias, ou mezes, lhe fora entregue officialmente hum requerimento do Cap-mór e mais Indios da mma. Missão, em q' affirmavão não terem feito semelhante requerimento, e q' fora feito por pessoas inimigas da qles., que o maculavão; e q' o novo requerimto. fora assignado pelo mmo. Cap mór e Indios, e reconhecidas suas formas por Tabellião, que elle Vice Prez dente de sua mam o entregara ao Secretario Ignacio Jo. Aprigio da Fonseca e Galvão, e deve estar no Archivo da Secretaria deste Govo.

A vista do q' o Exmo P. de accordo com o Exmo. Conselho, determinou q' logo se procurasse do do. Archivo o mencionado requerimto. reconhecido, para a face de lhe se res lver o q' por justo; e declarou Sua Exa. já ter feito expedir Ordem ao Cap-mór da Va. Na. Franco. Martins da Cruz para reenviar aqle. requerimto. ao Ditor dos Indios com urgencia, e com as respostas, ou sem ellas.

Apparece pessoalmte. Antonio José Peixoto Valadares com os requerimentos por escripto, e varios Documentos, q' o habilitão para reger a Caeira de Primeiras Letras desta Capital, pelo methodo do Ensino Mutuo, na forma da Lei, e pto. estar este Candidato habilitado, e contar de Attestado junto N. 1 de Luzaro Martins da Costa, Professor dã Cdra. Publica de las. letras da Frega. de Sm. Pedro Velho da Cidade da Ba. q' rege plo. do. methodo do Ensino Mutuo, conforme a Lei de 15 de Sbro. de 1827, sendo a dto. Pro-

fessor Instructor dos Professores actuaes, e mais Per-  
tendentes por Portaria do Gov. daq'a. Provincia,  
como mostra o Decreto junto N. 2. e attestar, q' ex-  
aminou o Suppe, Valladares, e achou ja ter estudo o  
sistema do Ensino Mutuo, como mostrou no tempo, q'  
frequenta a sua Aula, onde fez progressos; e no  
Exame satis'zera alem das qua' o regras geraes de  
Arithmetica, a pratica de quebrada, decimales, e pro-  
porções, e imbuído nos geraes conhecimentos de Geo-  
metria; por isso, e por estar o suppe. habilitado em  
conductas ter jurado a Constituição Política do Imperio,  
e não apresentar o seu Oppozitor Franco. Mora. da Sa.  
Marramaque hum attestado de Exdme tão digno de  
fé, como e do mmo. Suppe. Valladares, q' o excedeo  
como consta do dito documento N. 1. e por não ter  
Marramaque os conhecimentos preparatorios necessas  
geraes de Geometria; e não haver nesta Provincia Pro-  
fessor do Ensino Mutuo, q' possam ser examinadores:  
Resolveo o Exmo. P. de accordo com o Exmo. Conso.,  
q' visto constar ser o Suppe. mais digno para occu-  
par a Cadra. de Primeiras Letras desta Capital, para  
a reger pelo methodo do Ensino Mutuo, ficasse nella  
previsto com o ordenado annual de trezentos mil reis,  
q' interminamente venceia, e q' se lhe desse o seu  
Titulo, para com elle sollicitar sua legal Nomeação.

Do q' pra. constar se lavrou a presente Acta, em  
q' assignavam o Exm.o. P. e Conselheiros, q' eu Jzê  
Pedro de Faria, Secretario do Governo, escrevi ./. .

*Ignacio José Vicente da Fonseca.*  
*Manoel Ignacio da Silva.*  
*José Antonio Nery Horta.*  
*Joaquim Martins Fontes.*  
*Vicente Luiz de Freitas Barreto.*  
*Mel Vete. de Carvo. e Ara.*  
*Ignacio Dias de Oliva.*

PRESIDENTE DO INSTITUTO



ALMIRANTE AMYNTHAS JORGE



## Actas das sessões do Instituto Historico

### **Acta da primeira sessão extraordinaria do Instituto Historico e Geographico de Sergipe, no anno de 1925. como abaixo se declara :**

Aos vinte dias do mez de Janeiro de anno de mil novecentos e vinte e cinco na sede do Instituto Historico e Geographico de Sergipe, sob a presidencia do sr. dr. Cyro Cordeiro de Farias, 1.º vice presidente, no exercicio de presidente, havendo numero legal de socios, foi aberta a sessão, sendo lida, discutida e approvada a acta da sessão anterior.

Não houve expediente. Na ordem do dia, com a palavra o sr. presidente, foi dito que havendo renunciado o seu cargo de presidente, do Instituto o sr. Desembargador Caldas Barreto que mudara seu domicilio, a directoria, pelo sr. secretario geral, havia convidado todos os socios a fim de se proceder á eleição para o cargo de presidente o que allás ficára deliberado na ultima sessão.

Para isso convidara todos os presentes a darem os seus votos, escrevendo na cedula um só nome, cada um.

Corrido o escrutinio e apurada a votação, obteve-se o seguinte resultado : Para presidente dos Instituto Historico e Geographico de Sergipe : Almirante Amyntas Jorge—27 votos. Em seguida, o sr. presidente proclamou eleito presidente do Instituto, por unanimidade, o sr. Almirante Amyntas José Jorge, fazendo-

lhe o elogio e marcando a proxima sessão do Instituto para a posse do eleito.

Proseguindo ainda com a palavra o sr. presidente, foi pelo mesmo dito estado proximo a chegar a esta Capital o notavel se gipano dr. Paulo Fontes que com inextinguivel brilho exerce no estado limitrophe a magistratura federal, cumpria ao Instituto fazer-se representar no seu desembargo; pelo que, para esse fim, nomeou uma commissão composta dos socios professor Magalhães Carneiro, doutor Claudio Ganns e major Epiphanio Doria.

Com a palavra o professor Magalhães Carneiro disse: que já fazendo parte da Commissão do Conselho Municipal para igual fim, e julgando que em seu lugar, melhor comporia a commissão do Instituto o proprio sr. presidente pedia permissão para declinar da honrosa incumbencia, pedindo ao sr. presidente para fazer parte da Commissão. Apollado por todos os presentes e satisfeito pelo sr. presidente, ficou a commissão assim composta: doutor Cyro Cordeiro de Farias, e Claudio Ganns e major Epiphanio Doria.

E nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão, mandando o sr. presidente lavrar esta acta que vai pelo mesmo assignada.

E eu, José de Magalhães Carneiro 2º Secretario do Instituto, a escrevi.

(As) *Dr. Cyro Cordeiro de Farias*, Presidente.  
*Evangelino de Faro*, V. Presidente.

**Acta da sessão extraordinaria do Instituto Historico e Geographico de Sergipe para ser apresentado o trabalho do Sr. Dr. Elias Montalvão, secretario geral deste Instituto, sobre o verdadeiro nome do estuario que banha nossa Capital, no dia 13 de Maio ás 16 horas como abaixo se declara:**

Aos 13 dias do mez de Maio de mil novesentos e

vinte cinco, na sede do Instituto Historico e Geographico de Sergipe, onde se achava reunida a Directoria varias pessoas de destaque social e grande numero de associados, teve lugar as 16 horas, como fora annunciada, a expos ção feita pelo illustre intellectual, secretario geral da Casa, Dr. Elias Montalvão, sobre o verdadeiro nome do estuario que banha nossa Capital, dando desse modo, cabal desempenho a designação que lhe fora feita pelo Sr. Almirante Amyntas José Jorge, presidente do Instituto, ha dias passados.

Aberta a Sessão, depois de aprovada a acta da anterior e declarado pelo Sr. Presidente do Instituto o fim da mesma, antes de passar S. Exa. a palavra ao illustre associado para a leitura de sua exposição; congratulou se em nome do Instituto com a selecta assistencia pela passagem que em tal dia se verificava da grande data Nacional relembraçõra da decretação da Antea data da Lei que libertou nessa cara Patria da vergonhosa existencia da escravidão; glorificando ainda, os destaçados vultos que em prol de tamanha conquista, se bateram na celebrisada campanha Abolicionista.

Muito applaudido pela assistencia, passou em seguida o uso da palavra ao illustre Dr. Elias Montalvão que brilhantemente discorreu sobre o assumpto com muita proficiencia e verdadeiro conhecimento historico; terminando por assegurar ser o verdadeiro nome do nosso estuario o de «Sergipe» e não o de «Cotinguiba» como erroneamente se tem escripto e se diz.

Finalizando o Dr. Elias Montalvão a leitura de seu importante trabalho, que foi por todos presentes, muito applaudido; fez delle entrega ao Sr. presidente que em segu da nomeou uma Commissão composta dos Srs. Professor Clodomir Silva e Drs. Manoel dos Passos de Oliveira Telles e Claudio Ganns, para dar sobre o mesmo, parecer.

Presente o Professor Clodomir Silva, pediu permissão para ler um trabalho de sua autoria a respeito e já publicado na imprensa local, o que foi permitido.

Finda a Sessão, pediu ainda o referido associado que o Instituto o aceitasse como parecer ao me-

memorial apresentado pelo Dr. Elias Montalvão. O trabalho do professor Clodomir Silva que é longo e minucioso, foi geralmente applaudido.

Em continuação, mandou o Sr. presidente fizesse as devidas communicações á commissão ora designada.

Communicando a casa, o Sr. 1.º Secretario, a ausencia temporaria do Sr. Thesoureiro desta Capital o Sr. Almirante presidente, designou acto continuo, o consocio Clodomir Silva para desempenhar interinamente essa funcção, sendo-lhe entregue logo o livro de receita e despesa e o saldo em dinheiro que se achava em mão do 1.º Secretario.

Mandou ainda o Sr. presidente que o Sr. 1.º Secretario officiasse para o thesouro do Estado communicando a designação do novo thesoureiro interino, afim de que o mesmo pudesse receber a subvenção a que tem direito o Instituto, cuja ordem de pagamento já alli se achava com o respectivo — pague-se.

Uzando da palavra que solicitara, o illustre consocio bacharelado Enoch Santiago, depois de inquerir do Sr. presidente se lhe era dado poder apresentar uma proposta naquelle momento, lembrava que o Instituto devia ter na sua galeria, o retrato do grande e sãndoso intellectual Sergipano, tambem socio de destaque do Instituto, o desembargador Armindo Guaraná.

A proposta do illustre consocio foi accelta com applausos pela Directoria, dando immediatamente o Sr. presidente, ordens, para que fosse tal retrato encomendado ao intelligente pintor patricio, Sr. Jordão de Oliveira correndo as despesas por conta do Instituto.

E nada mais havendo a tratar, encerrou o Sr. presidente a presente Sessão que a escrevi e assigno por continuar ainda doente o 2.º Secretario, Dr. Mathães Carneiro.

(Ass.) *Amyntas J. Jorge*, Presidente.  
*Neyra Dantas*, 1.º Secretario,

**Acta da sessão solemne de recepção em 26 de Julho de 1923.**

Aos vinte e seis dias do mez de Julho de mil

novecentos e vinte e três, ás 20 horas, na sède do Instituto Historico e Geographico de Sergipe, actualmente no pavimento superior do edificio da Bibliotheca do Estado, havendo numero legal, foi aberta a presente sessão solenne, previamente marcada para ho e, afim de ser entregue o diploma de socio honorario conferido em sessão anterior ao sr. Capitão de mar e guerra Protogenes Guimarães, intrepido e valoroso commandante da esquadra aerea, sob a presidencia do exmo. sr. desembargador Evangelino de Faro, vice-presidente do Instituto, estando presentes os exmos. srs. dr. Mauricio Graccho Cardoso, digno presidente do Estado, Capitão de mar e guerra Protogenes Guimarães, e demais officiaes aviadores da Marinha de Guerra do Brasil, que tomam parte no *raid* aereo, auctoridades federaes e estaduais, grande numero de senhoras e senhoritas da sociedade Aracajuana e grande numero de socios.

Uzando da palavra o exmo. sr. presidente disse que, de accordo com os estatutos, ia passar a presidencia da solemne sessão ao exmo. sr. dr. Graccho Cardoso, presidente honorario do Instituto ao qual competia dirigir os seus trabalhos no momento.

Assumindo a cadeira da presidencia do Instituto, o exmo. sr. Graccho Cardoso dizendo, em bellas e expressivas palavras, o fim da presente reunião, conferiu a palavra ao sr. Almirante Amyntas José Jorge, nosso conterraneo, para fazer perante o selecto auditorio a apresentação dos homenageados, o novo consocio do Instituto, sr. capitão de Mar e Guerra Protogenes Guimarães e demais officiaes da esquadilha sobre seu competente commando, actualmente em visita a esta capital, dando-nos a honra de suas presenças.

Com a palavra o brioso almirante Amyntas José Jorge, leu, entre os applausos da Assembléa, delicado e bello discurso, fazendo deste modo a apresentação da officialdade referida, sendo ao terminar vivamente applaudido.

Com a palavra o sr. desembargador Evangelino de Faro, após a leitura da acta da sessão anterior e a sua approvação, justificou com eloquencia e fundamentadas razões, uma proposta verbal que no momento fez, convidando á Assembléa presente a considerar e acclamar o illustre brasileiro sr. capitão de Mar e Guerra Protógenes Pereira Guimarães, socio benemerito do Instituto Historico e não não consideravel o socio honorario como foi votado em sessão anterior.

Pes a esta proposta em discussão e votação foi a mesma unanimemente approvada, entre vivas e applausos geraes da numerosa assistencia, tendo em seguida a Mês-a assignado o diploma devido, ao novo consocio benemerito.

Dada a palavra ao orador official do Instituto, o illustre e talentoso bacharel Humbald Santa Fé de Cardes para fazer a entrega official do referido diploma, este, em linguagem aprimorada cheia de bellissimos conceitos a figura varonil do Commandante Protógenes Guimarães e dos seus destemidos commandados, deu cabal desempenho a referida incumbencia, sendo ao terminar a leitura do seu bellissimo discurso, applaudido vivamente.

Uzou ainda da palavra o consocio dr. Gervasio Prata, digno procurador geral do Estado, o qual, por espaço de 35 minutos leu substancioso discurso de saudação aos aviadores patricios, fazendo judiciosas referencias a aviação aerea, no passado, no presente e no futuro, a assistencia os seus conhecimentos quanto a historia da aviação aerea.

Por fim, dada a palavra ao sr. Capitão Tenente Marinho Godinho, assou a tribuna do Instituto tendo, por espaço de 45 minutos, uma bella e significativa conferencia sobre a aviação aerea, alludindo aos seus principios, suas modalidades, suas evoluções, proveitos actuaes e futuras, revelando, como era de esperar, os seus fundos conhecimentos sobre o assumpto e os seus sentimentos de amor a aviação e ao Brasil. Ao terminar esta sua palestra, receber o official aviador Mario Goudinho, da nu-

merosa assistencia, estrepitosa salva de palma.

Uzando da palavra o sr. commandante Protonogenes Guimarães, muito sensibilizado, agradeceu ao Instituto e a selecta assistencia, as homenagens que a si e aos seus commandados, eram naquelle momento tributados carinhosamente.

Tendo em seguida o exmo. sr. dr. Graccho Cardoso, passado a presidencia da sessão ao exmo. sr. desembargador Evangelino de Faro, este, em ligeiras palavras, agradeceu a todos os presentes, digo, agradeceu a todos a honra de suas presenças aquella festa do Instituto e mandou lavrar a presente acta que eu, Amphiloquio Valle, segundo secretario, a escrevi e assigno.

(Ass.) *Evangelino de Faro.*  
*Amphiloquio Valle, S.*

### **Acta da sessão da Assembléa Goral, em 2 de agosto de 1923.**

Aos dois dias do mez de agosto de mil novecentos e vinte e três, as 19 horas, na sede do Instituto Historico e Geographico de Sergipe, actualmente no pavimento superior do edificio da Bibliotheca Publica do Estado, havendo numero legal, sob a presidencia do exmo. sr. desembargador Evangelino de Faro, foi aberta a sessão sendo em seguida lida e approvada a acta da anterior.

Expediente não houve. Na ordem do dia, com a palavra o sr. presidente, declarou que o fim da presente sessão da Assembléa Goral, era o de se proceder a eleição da Directoria do Instituto, para o proximo biennio de 1923 a 1925, e bem assim, a eleição das suas commissões permanentes, disse ainda, que, pela exiguidade do tempo de sua permanencia na presidencia desta Casa, deixava, por isso, de ler perante a mesma o relatorio ao que obrigava os Estatutos em vigor.

Pelo 1.º Secretario foi lido o relatório que, de-  
vidô ás prescripções dos mesmos Estatutos, cum-  
pria-lhe apresentar no momento.

Em seguida, o sr. presidente declarou que, os-  
tando presentes vinte e dois consócios e mais vinte  
e oito socios representados por procurações, numero  
suficiente para eleição annunciada, ia mandar pro-  
ceder a mesma, de accordo com a lista de chama-  
da e presença de socios.

Procedida a eleição, contou-se na urna cinco-  
enta (50) cédulas que apura as por uma commis-  
são para este fim designada, deram o resultado se-  
guinte:

Para presidente: desembargador Manoel Caldas  
Barreto Netto, quarenta e nove votos (49); desem-  
bargador Armino Cordeiro Guaraná, um voto (1).  
1.º vice-presidente: Almirante Amyntha Jorge eu-  
caen a votos (50) 2.º vice-presidente: desembarga-  
dor Evangelino de Fato, quarenta e oito votos (48);  
drs. Octavio Cardoso e João Maynard, um voto cada;  
Secretario Geral: dr. Elias Montalvão, quarenta e  
nove votos (49); dr. Manoel dos Passos de Olivei-  
ra Telles, um voto. 1.º secretario: dr. Nycen Correia  
Dantas, quarenta e oito votos (48); professores Gra-  
ça Leite e Colomir Silva, um voto cada. 2.º Secre-  
tario: dr. José de Magalhães Carneiro, quarenta e  
nove votos (49); Dr. Costa Filho um voto. Orador:  
dr. Humboldt Santafior Cardoso, cinquenta votos (50)  
Thesoureiro: dr. Alfonso Ferreira, quarenta e oito  
votos (48); Amphiloquio Valle e Elias Carmello, um  
voto cada. Commissão de Fazenda e Orçamento:  
corregedores José da Silva Ribeiro, João Ceciliano  
de Andrade e Guilhermino Rezende, cinquenta  
votos cada (50). Commissão de Historia:  
desembargador Armino Guaraná, dr. Joaquim do  
Prado Sampaio e professor Arthur Fortes quaren-  
ta e nove, cinquenta, e quarenta e nove votos, res-  
pectivamente; desembargador Evangelino de Fato  
e dr. Costa Filho, um voto cada.

Commissão de Geographia: Professores dr. Al-  
cebiades Paes, José de Alencar Cardoso e Costa

Filho, quarenta e nove votos cada (49); Elias Carmello Amphiloquio Valle e Anthenor Passos, um voto cada um. *Commissão da Revista*: dr. Claudio Gans, professor Abdias Bezerra e Nicanor Ribeiro Nunes, cincoenta, quarenta e nove e quarenta e oito votos respectivamente; e Amphiloquio Valle, três votos. *Commissão de Admissão de Socio*s: desembargadores Liberio Monteiro e João Maynard e dr. Carlos Alberto Rella, cincoenta, cincoenta e quarenta e nove votos, respectivamente, e dr. Alfonso Ferreira, um voto. *Commissão de Manuscritos e Autographos*: Ephiphanio Doria, drs. Monteiro de Almeida e Nobre de Lacerda, Florentino Menezes, Graça Leite e dr. Teixeira Fontes, cincoenta, cincoenta, quarenta e três, um, cinco e um votos, respectivamente.

Encerrada a apuração o sr. presidente proclama eleito os consocios mais votados, os quaes deveriam empossar se dos seus respectivos cargos, no proximo dia 6 de Agosto corrente, como determina os Estatutos vigentes.

Encerrada a sessão, o sr. presidente mandou lavrar a presente acta que eu, Amphiloquio Valle, segundo secretario, a escrevi e assigno.

(Ass.) Evangelino de Faro.  
Amphiloquio Valle. S.





## Os nossos mortos

Não é propriamente uma necrologia, no sentido lato do vocabulo, o que da penna nos cabe ao encerrar a presente publicação. E talvez menos ainda do que um registo, porem vale esta pagina uma nota sincera de affectos e de saudades consagrados á memoria de companheiros queridos, arrebatados pela morte á communhão dos vivos, aos carinhos da familia, á admiração dos contemporaneos e á glorificação de ideaes postos a serviço da terra que lhes foi berço.

O Instituto Historico e Geographico de Sergipe curva-se reverente perante o titulo daquelles que em vida se chamaram—Manuel Prisciliano de Oliveira Valladão, Ivo do Prado Montes Pires da Franca, Armindo Cordeiro Guaraná, Cid Lins e Brício Cardoso.

O general Oliveira Valladão foi um dos politicos de mais larga e proficua actuação em Sergipe.

Espirito conciliador, representou por largos annos seu Estado natal no Parlamento da Republica, tendo-o administrado por duas vezes. Era homem de talento e formou ao lado de Benjamin Constant na proclamação do novo regime. O general Ivo do Prado foi tambem um dos fundadores do 15 de Novembro. Sergipe deve lhe os mais assignalados serviços prestados á causa da sua historia e reivindicação do seu territorio. Representou o no Parliament. Nacional du ante duas legislaturas,



## Os nossos mortos

Não é propriamente uma necrologia, no sentido lato do vocabulo, o que da penna nos cabe ao encerrar a presente publicação. E talvez menos ainda do que um registo, porem vale esta pagina uma nota sincera de affectos e de saudades consagrados á memoria de companheiros queridos, arrebatados pela morte á communhão dos vivos, aos carinhos da familia, á admiração dos contemporaneos e á glorificação de ideaes postos a serviço da terra que lhes foi berço.

O Instituto Historico e Geographico de Sergipe curva-se reverente perante o titulo daquelles que em vida se chamaram—Manuel Prisciliano de Oliveira Valladão, Ivo do Prado Montes Pires da Franca, Armindo Cordeiro Guaraná, Cid Lins e Brício Cardoso.

O general Oliveira Valladão foi um dos politicos de mais larga e proficua actuação em Sergipe.

Espirito conciliador, representou por largos annos seu Estado natal no Parlamento da Republica, tendo-o administrado por duas vezes. Era homem de talento e formou ao lado de Benjamin Constant na proclamação do novo regime. O general Ivo do Prado foi tambem um dos fundadores do 15 de Novembro. Sergipe deve lhe os mais assignalados serviços prestados á causa da sua historia e reivindicação do seu territorio. Representou o no Parliament Nacional du ante duas legislaturas,

em momentos differentes. De grandes talentos, inexcedíveis o seu coração e devotamento à terra natal.

Escreveu até os ultimos momentos sobre os limites do Sergipe—Bahia deixando inedito o segundo volume da sua grande obra.

No desembargador Arminio Guaraná brilhou um espirito de escol. Homem de grande operosidade, fez-se, desde cedo, o annotador metuculoso dos fastes sergipanos o zelador das nossas tradições, o evocador do nosso passado pela historia dos homens illustres da sua pequena mas gloriosa patria. E' o auctor do « Dictionarij Bo—Biibliographico Sergipano » que em breve virá a lume.

Era o dr. Cid Lins uma bella esperanza, cujo vida teve o mais doloroso epilogo. Succumbiu num desastre banhado pelas lagrimas e saudades da desolada familia.

O Professor Bricio Cardoso, que fôra o lidimo representante do magisterio publico neste Estado, falleceu, legando aos pósteros uma vida de abnegação e sacrificios em pro da instrucção. Viveu a fazer discipulos e amigos.

Foi jornalista ererito e homem de grande intelligencia.

Taes os nossos mortos queridos. Geralmente conhecidos, como foram elles neste Estado, dispensa n informes biographicos.

E para que se, a relembra-los, encontramos nelles o indice da nossa bondade, do nosso amor á communhão, do nosso affecto a Sergipe, da nossa operosidade em todos os ramos da vida publici ?

O Instituto pranteia-os e commovidamente os relembra á glorificação immoredoira a que tõem jus pelo muito que valeram e pelo muito que lhes deve.

P. S.



# INDICE

- DIRECTORIA ACTUAL 3 E 4.  
ADVERTENCIA PREVIA 7 A 8.  
QUE É A HISTORIA ? 9 A 14.  
BATALHA DE TUIUTI 15 A 17.  
RECEPÇÃO DO DR LOPES GONÇALVES 18 A 30.  
QUAL O RIO QUE BANHA A CIDADE 31 A 35.  
PARECER N. 1 37 A 39.  
PARECER N. 2 41 A 81.  
DR. GRACCHO CARDOSO 83.  
O GOVERNO DE SERGIPE 85 A 89.  
DIRECTORIA DO INSTITUTO 91 A 92.  
ALMIRANTE AMYNTHAS JORGE 93 A 94.  
DOCUMENTOS INEDITOS 95 A 101.  
PRESIDENTE DO INSTITUTO 103.  
ACTAS DO INSTITUTO 105 A 113.  
OS NOSSOS MORTOS 114 A 115.